THE ZODIAC QUEEN: PART ONE

ARIES



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

GEMMA JAMES

Sinopse

Doze homens. Uma Rainha virgem. Um casamento arranjado.

A primeira vez que eu encontrei os garotos da Irmandade do Zodíaco, fui forçada a me ajoelhar na apresentação. Ainda de luto pela a morte de meus pais, eu era uma Rainha ainda criança, um peão nas intenções de meu tio por riqueza e lucro. Como meu tutor, ele tinha autoridade para organizar um casamento no meu aniversário de dezoito anos.

Essa reunião ocorreu seis anos atrás.

Agora aqueles garotos são homens poderosos.

Doze homens viris que querem me possuir.

E devo passar um mês com cada um.

Curvando-se e cedendo aos seus desejos e ordens.

Perdendo um pouco de minha inocência enquanto a minha virtude permanece intacta.

Porque eles querem uma Rainha virgem depois que o último mês terminar, e o meu tio planeja me vender em leilão pela melhor oferta.

Dos doze homens, apenas um tem meu coração.

E apenas um pode reivindicar minha mão em casamento.

Se ao menos dependesse de eu decidir.

Disponibilidade:
Jack Napier
Tradução:
Federicci
Revisão Inicial:
Jack Napier
Revisão Final:
Anny
Leitura Final:
Uka
Formatação:
Federicci

Especial Halloween
2019

#OsMelhoresEstãoAqui



Arlequina's Legacy Traduções


ARIES
Doze homens.
Uma Rainha virgem.
Um casamento
arranjado.

Prólogo

Tristeza esmagadora. É tudo o que conheço. Tudo o que sinto.

A dor desliza pela minha alma, pesando meus ossos e me esquartejando em uma versão distorcida da garota que eu conhecia. Agora há apenas uma aparição, uma criatura de rosto pálido cujas tranças loiras desmentem uma idade madura de doze anos. Prendo a respiração, com medo de respirar - como se o simples ato de inspirar e expirar tornasse essa realidade trágica real.

Cada segundo rasteja em câmera lenta até meus pulmões arderem por ar. Eu respiro sem som enquanto o movimento me envolve.

Os pés do meu tio batendo no chão em passos preguiçosos e sem pressa.

A pressão do olhar de um estranho.

O pavor que contamina o ar.

— Você deve ser Novalee. – diz o desconhecido com os desconhecidos sapatos pretos brilhantes.

Não reajo à afirmação, e as sobrancelhas do tio Rowan marcam com ferozes rugas de desaprovação. — Por favor,

desculpe o comportamento reticente da minha sobrinha. Receio que ela não seja ela mesma desde o acidente de avião.

— É bastante compreensível. Uma tragédia tão repentina.

Eles falam de mim como se eu não estivesse aqui. Como se meu coração partido não estivesse sangrando por todo o tapete que a minha mãe amava quando estava viva. Eu me concentro no padrão debaixo da almofada que amortece meus joelhos, seguindo o caleidoscópio de marrom e azul royal enquanto passo as palmas das mãos suadas na frente do vestido que Rowan me fez usar.

Branco de pureza, eu o ouvi murmurar quando ele pensou que eu não estava ouvindo.

Ele queria que eu parecesse bonita para o nosso convidado, e mesmo que eu não entenda por que sou obrigada a me ajoelhar na presença desse estranho, não me importo, porque isso significa que eu posso fingir que ele não está realmente aqui. Posso ser invisível como as heroínas em meus livros de fantasia favoritos, encobertos por magia e imaginação.

— Vamos ao que interessa? – pergunta o homem ao lado do meu tio.

Eu dou uma olhada rápida nele. Ele é alto e forte, e estou fascinada com a maneira como seus cabelos acobreados

capturam a luz do sol que entram através das janelas em arco da sala de estar. Eu nunca vi essa cor em um homem antes.

— Claro. – Meu tio gesticula em direção à entrada que leva ao escritório onde o meu pai passava a maior parte de suas noites. — Por aqui, se você quiser. – eles me deixam de joelhos, e eu o ouço perguntar ao homem com cabelos de cobre se ele gostaria de tomar uma bebida. Pelos próximos minutos, o tilintar de copos e vozes baixas se filtram na sala de estar pela porta entreaberta, e ouço palavras que me deixam com dor de estômago de pavor.

Palavras como *virgindade*, leilão e casamento. Eu aperto minhas mãos contra minhas coxas, desejando poder andar pelo chão com pássaros e borboletas, mas não ouso me mover do meu local designado no tapete valioso da minha mãe morta.

Rowan é um carrasco rigoroso, e não quero experimentar a dor do cinto de couro, como Faye fez ontem por desobedecer a uma ordem. Faye tem minha idade e é filha de uma criada, mas sempre foi como uma irmã para mim. Crescemos juntas dentro dessas paredes, brincando de esconde-esconde nas inúmeras salas e corredores. Antes de o avião dos meus pais decolar na semana passada, tínhamos livre acesso da mansão e dos arredores.

Até o tio Rowan chegar e mudar tudo.

Meus pais se foram apenas uma semana, ambos estão em túmulos pesados e perfumados com solo fresco e buquês

tristes, mas meu tio começou a tomar conta de nossas terras antes que o sol afundasse no horizonte no dia do velório. Sou filha de um rei e agora que meus pais se foram, sou a Rainha de uma nação. Uma Rainha ainda criança impotente, porque, como meu guardião, Rowan detém todo o poder.

— Por que em nome de Deus você está ajoelhada? – Alguém pergunta atrás de mim, com o seu tom masculino insolente perturbando a minha tristeza. — Você não está na presença do Chanceler, princesa.

Inclino minha cabeça e vejo um pouco de cabelo loiro selvagem na minha periferia. — Meu tio me disse para me ajoelhar.

— Você sempre faz o que é dito?

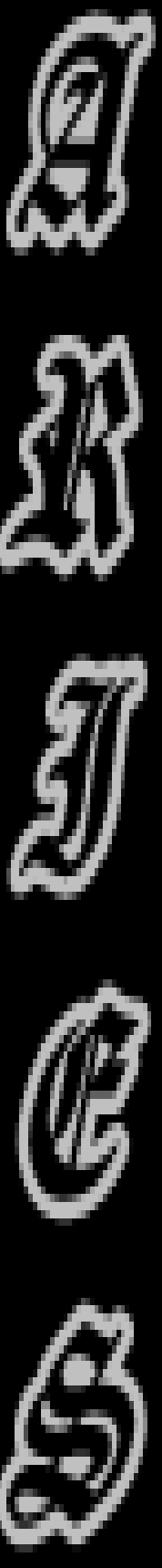
Minhas sobrancelhas se juntam. — Você não?

— Muito para o aborrecimento do meu pai, não. Mas sua obediência é admirável.

— A obediência era importante para os meus pais.

— Então eu suponho que você será uma esposa perfeita um dia.

O desdém em sua voz desperta o meu interesse, e eu me viro de joelhos para encará-lo. Seu olhar encontra o meu, disparando uma estranha vibração de consciência através do meu peito. Ele parece estar na adolescência e, como eu suspeitava, seu cabelo loiro escuro envolve o rosto como um caos, caindo sobre a testa e ameaçando esconder os olhos.



E aqueles olhos azuis do mar são a razão da súbita falta de ar nos pulmões. Há algo no olhar dele que me deixa em transe. Ele me rodeia, com passos lentos e deliberados, e isso me lembra da maneira como um leão caça uma refeição em potencial.

— Você não quer se casar um dia? – pergunto ainda me perguntando sobre seu tom estranho quando ele mencionou o casamento.

Seus lábios carnudos inclinam-se em uma careta. — O que você sabe sobre casamento? Você é apenas uma criança. – ele gesticula para o meu peito. — Você ainda nem tem um par de seios de verdade.

A vergonha aquece as minhas bochechas. — Que coisa inapropriada de se dizer!

— A verdade raramente é apropriada, princesa.

— Lembrarei gentilmente que sou uma Rainha e você me abordará como tal.

Seu risinho rasteja pela minha coluna com uma intenção sombria. — Uma Rainha de joelhos. Que... Apropriado.

— Apenas vá embora. – respondo, odiando a petulância no meu tom, mas incapaz de mascará-la. Ele me faz querer ranger os dentes, principalmente porque não consigo enfrentar a grosseria dele com os dois pés firmemente plantados embaixo de mim.

— Deixe a doce menina em paz, Sebastian.

Eu assusto com a presença de outro garoto. Ele para na minha frente, vindo dos jardins, igual ao garoto que ele chamou de Sebastian. Pela porta aberta, uma brisa carrega a música dos pássaros canoros e o doce aroma da plumeria, e mais uma vez, desejo escapar para o exterior, para o calor úmido.

— Eu não recebo ordens de você. – meu atormentador responde com a mesma atitude irritada que eu detectei alguns minutos atrás.

— Algum dia você irá. – O cabelo acobreado do garoto denuncia sua paternidade, assim como a autoridade em seu tom. Ele parece mais velho que seu amigo rude com o olhar verde-água que aquece o meu corpo e me arrepia de maneiras estranhas.

Eu desvio minha atenção para o tapete, assumindo que o garoto mais velho é o filho do homem conversando com meu tio na outra sala.

Alguém de grande importância.

Um líder.

Claro, que ouvi sussurros sobre a ilha ao norte, onde um grupo de homens poderosos reinava em uma torre circular doze andares acima do térreo.

Não sei o motivo da visita, mas a presença deles me assusta.

Gemma

James

Um a um, a sala se enche com o sexo oposto, com idades variando do início da adolescência à idade adulta. Eles me cercam, com os olhos brilhando de curiosidade. — Então é ela? – pergunta um adolescente de cabelos escuros.

— Esperava que ela fosse mais jovem. – diz outra pessoa.

Risos flutuam através da sala, com a voz rouca e madura demais para pertencer a um garoto. — E eu esperava que ela fosse mais velha. – eu vejo o olhar esmeralda do garoto... *Homem*... Que riu da minha idade. Ele deve ser uma década mais velho que eu.

E agora estou me mexendo, enrolando as duas pequenas tranças loiras em volta do meu dedo enquanto tento não me contorcer sob seus olhares.

— Quando a Rainha faz dezoito anos... – diz o garoto de cabelos cor de cobre. — A diferença de idade não importa. – ele diminui a distância entre nós e pega a minha mão, interrompendo a minha trança nervosa. Voltando minhas mãos ao meu colo, eu mordo o meu lábio inferior enquanto ele acaricia o topo da minha cabeça.

— O que acontece quando eu completar dezoito anos?

Ele me pega pelo queixo, com dedos quentes e gentis. — No seu aniversário de dezoito anos, minha Rainha, você pertencerá a nós.

01

Hoje, 21 de Março...

A estrada é suave sob as rodas da limusine, sem obstáculos por solavancos ou buracos. Não que eu também saiba muito sobre isso. Fui cercada pelo melhor absoluto desde o momento em que saí do útero. Móveis artesanais de madeira de qualidade e couro fino. Joias suficientes para combinar com todos os tons de esmalte existentes. Coleções de alta costura - um guarda-roupa grande o suficiente para precisar de sua própria ala.

Foram necessários vários baús para conter até um décimo das minhas roupas. Tio Rowan disse que enviaria o restante posteriormente. Enquanto isso, ele prometeu umas compras com minhas damas depois que nos instalamos na Zodiac Island. Talvez se eu não estivesse visitando a pequena nação em grilhões metafóricos, a perspectiva de novas roupas e joias me excitaria.

— É tão bonito. – diz Elise, admirando seu tom quando entramos nos portões de ferro da propriedade que abriga todos os doze membros da Irmandade. Com os olhos

arregalados de excitação, ela afasta sua franja lisa e loira para o lado para ver melhor.

A estrutura em forma de castelo fica no topo de uma colina. Janelas em arcos alinham com o chão em fileiras perfeitas e arrumadas, encantando aqueles que olham para a propriedade. Realmente é um lugar maravilhoso, até o trabalho em pedra de marfim. Não posso deixar de me afastar da vista com uma náusea na boca do meu estômago.

— Parece uma prisão. – reclama Faye, com seus lábios em tom rosa formando uma careta.

Suas palavras ecoam meus pensamentos.

Elise olha na minha direção, com o rosa colorindo suas bochechas e olhos azuis se aprofundando com um pedido de desculpas. — Eu sinto muito. Isso foi uma coisa insensível de se dizer.

— Não se desculpe por apreciar a bela arquitetura. – eu cruzo o tornozelo direito sobre o esquerdo. — Tudo o que podemos fazer é tirar o melhor proveito da situação.

— É tão injusto. – reclama Faye em um sussurro ríspido. — Você não deveria ter que passar por isso.

Nenhuma de nós deveria.

Embora ela não tenha dito as palavras, elas passam pela minha mente de qualquer maneira. É o que ela quis dizer, mas como uma das minhas damas, ela foi treinada para me colocar em primeiro lugar, para afastar os seus pensamentos,

sentimentos e opiniões pessoais em favor dos meus desejos e necessidades.

Elise está extasiada com a perspectiva de conseguir um marido em Zodiac Island. Mas Faye está aqui contra sua vontade, assim como eu. Ela foi forçada a deixar o amor de sua vida com a expectativa de que ela se casasse com alguém acima de sua posição - uma oportunidade não oferecida a muitos servos.

Enquanto entramos pela longa entrada, árvores fazem barulho na brisa de ambos os lados em cobertores de grama. Os gramados são exuberantes e verdes da chuva abundante pela qual a Zodiac Island é famosa. Logo atrás da propriedade imponente e depois dos penhascos, vejo o oceano. Esse trecho interminável de água é a única coisa que alegram essa realidade para mim.

Eu nunca morei tão perto do mar. No caminho da pista de pouso particular da Irmandade, vi as praias mais bonitas, as águas um cobalto profundo com quilômetros de areia organizada, convidando alguém a procurar conchas na areia e no mar.

Tio Rowan prometeu que eu teria alguma liberdade neste pedaço de rocha abandonado por Deus - a chance de vagar e explorar. Em teoria, é uma ideia atraente, mas não consigo parar de me policiar. Quanto mais me aproximo de conhecer o Chanceler, com quem eu passarei o próximo mês, mais minha barriga estremece com o nervosismo. Nenhuma descoberta aventureira em solo novo fará com que esse

casamento forçado valha a pena. Sem considerar os rumores sobre a Irmandade que correm desenfreados em nível global.

Corrupção política.

Escândalos sexuais.

E o que mais me preocupa - a negligência grosseira dos direitos das mulheres.

Quando paramos na entrada principal, não posso negar que o medo está me dominando. Com as palmas das mãos úmidas, tento respirar fundo, mas falho.

Faye agarra meus dedos e aperta. — Só respire. Estamos bem aqui com você.

Sei desse dia inevitável há seis anos. Seis longos anos com o meu tio enfiando-o em meu cérebro a cada momento, tentando me preparar para que fosse mais fácil aceitar.

Não foi, e estou longe de estar preparada.

Paramos e o motor é desligado. O silêncio resultante é tão perturbador quanto meus pensamentos. As portas abrem e fecham, e segundos depois, Rowan abre a minha. Eu o encaro através das lágrimas quentes que inundam meus olhos. *Ah, como eu desprezo essas gotas de fraqueza quando elas passam pela minha armadura.*

Sua estatura está imóvel, assim como sua vontade. — Enxugue os olhos, criança.

— Eu não sou uma criança.

— Você está certa. Você é uma mulher adulta, e é hora de parar o teatro e se comportar como a Rainha que eu te treinei para ser.

— Não me obrigue a fazer isso. – eu mordo o lábio para não adicionar um choro de *"por favor"* no final da frase. Apesar do que meu tio possa pensar de mim, eu não sou tão patética.

Normalmente não.

O que eu sou é desesperada... O que é patético por si só.

— Foi feito seis anos atrás, Novalee.

— Desfaça.

— Isso não é uma opção.

O desejo de fugir é forte. Esticando o pescoço, observo meus arredores a partir do banco de trás do carro. A área parece interminável a partir deste ponto de vista, mas mesmo se eu me esconder entre as árvores por tempo suficiente para fugir, para onde irei? Eu estou em solo estrangeiro, o terreno não é familiar e acho que um estranho disposto - ou suficientemente estúpido - ir contra a Irmandade, ajudando-me, será quase impossível.

E não é como se eu nunca tivesse tentado fugir antes.

— Nem tente, criança. – Rowan adverte em um tom sombrio. — Fugir apenas atrasa o inevitável e deixa você incapaz de se sentar. – Segurando-me pelo braço, ele me

arrasta do carro de luxo antes de deixar a porta bater com o tipo de finalidade que inspira o ranger de dentes.

Estou com raiva, indignada e desesperada para impedir que as lágrimas escorram pelas minhas bochechas. Que total idiota eu estava pensando que poderia passar por isso sem desmoronar. Eu atravessei a linha de um colapso nervoso desde que completei dezoito anos dois meses atrás, quando meu tio e seus homens frustraram minha última tentativa de fuga. Nenhuma quantidade de pedidos me salvou de uma sessão brutal com o chicote de Rowan, e isso não vai me salvar do que ele afirma ser meu dever.

E ele se esforçou ao longo dos anos para garantir que esse dia aconteça, chegando ao ponto de afastar qualquer um que possa ser um aliado. Funcionários da cozinha, criados e até Angeles, o velho que cuidava do jardim e era como um avô para mim.

Todos eles se foram.

Exceto pelas as minhas damas, estou sozinha nisso. Faye e Elise saem da limusine e me cercam de ambos os lados, e nós três estamos como uma frente unida. A presença delas é um conforto, mas ainda não posso evitar, mas desejo que o chão se abra e deixe o solo me enterrar.

O pânico está a apenas alguns suspiros de distância.

Nunca fui tocada por um garoto, e o pensamento de estar à mercê de doze homens experientes é horrível. Minha única

salvação são os termos do contrato, que os proíbe de levar minha virtude até a noite do casamento.

Com uma expressão desagradável, Rowan me dá um lenço. — Você está a alguns minutos de conhecer o Chanceler Castle. Não me envergonhe.

Pego sua oferta de sua mão e enxugo os meus olhos molhados. — Isto está errado. Meus pais não gostariam disso para mim.

— Seus pais não estão aqui.

— Por que você está fazendo isso? É pelo dinheiro?

— Minha querida e inocente Novalee. O dinheiro é um bônus, mas enquanto você estiver trancada aqui, servindo a Irmandade, ficará fora da vista e da mente. Alguém tem que governar nossas terras.

Depois de todas as vezes que pedi uma resposta, estou chocada ao receber uma agora, e é a confirmação do que eu suspeitava ser verdade. Tio Rowan quer meu título e, comigo, ele tem mais chances de garantir a transferência permanente de poder. Doze meses é muito tempo ausente, especialmente em meio a essa incerteza política.

— Vamos. – diz ele, me pegando pelo braço quando uma jovem aparece na porta de ferro da propriedade, vestida com uniforme de empregada. — O Chanceler aguarda. – ele me incentiva a avançar, e as correntes metafóricas que me ligam se apertam a um nível intolerável.

Está acontecendo.

Minhas damas não podem me proteger disso.

Meu tio se recusa a impedir.

E as únicas duas pessoas que teriam feito qualquer coisa para garantir minha felicidade - mesmo que isso significasse mover as estrelas e os planetas - morreram seis anos atrás.

Enquanto a empregada nos conduz para a prisão pelos próximos doze meses e além, não tenho escolha a não ser deixar o destino me arrastar para dentro da cova.

02

Para uma prisão, a Mansão Zodiac é nada menos que inspiradora. O grande hall de entrada é aberto, claro e arejado, e no meio está uma escada de pedra branca. À minha direita, uma cachoeira cai em cascata sobre uma parede rochosa.

— Uau. – Elise respira, e eu não posso deixar de compartilhar sua admiração.

Inclino minha cabeça e olho para os raios brilhantes que caem através da claraboia circular que atravessa o hall de entrada e o pátio do segundo andar. O vitral é dividido em doze partes – cada uma representando um signo do zodíaco, do carneiro a peixes. É lindo, imaculado e...

— Está frio. – diz Faye, tirando as palavras da minha mente.

A pele arrepiada entra em erupção na minha pele, e não tenho certeza se é da brisa fria que entra no hall de entrada com a nossa chegada ou o pensamento do que me espera a portas fechadas. Logo depois da parede de água borbulhante, vejo uma entrada que leva ao que parece uma cozinha de tamanho industrial. A criada nos conduz na direção oposta, por uma porta à esquerda e por um longo corredor, e entramos em uma biblioteca. Meus olhos se arregalam com a

enorme estante de livros - fileiras e mais fileiras de prateleiras, mostrando uma coleção variada e eclética.

Um homem se levanta de trás de uma mesa de madeira pesada e escura com uma ponta de masculinidade, e tio Rowan dá um passo à frente. — Chanceler, eu tenho a honra de apresentar minha sobrinha, Novalee Van Buren.

O Chanceler acena para mim em cumprimento. — Bem-vinda à Zodiac Island. Você pode me chamar de Liam.

Abaixando a minha cabeça em reconhecimento, eu o observo por baixo dos meus cílios. Seu cabelo cobre acaricia uma lembrança, cravando as camadas pelo tempo até me lembrar da versão mais jovem do homem diante de mim.

Aos doze anos, eu não conseguia entender a sensualidade devastadora de Liam Castle, mas agora isso me atinge completamente, e sinto o seu olhar impulsivo em cada terminação nervosa.

— Você se lembra de mim, Novalee?

— Eu me lembro de você.

— Você cresceu e se tornou uma mulher bonita. – Sua atenção aquece minha pele sob a saia e o suéter branco que o tio Rowan insistiu que eu usasse.

— Obrigado. – ele gesticula em direção a sua empregada. — Selma, acompanhe as damas da Rainha até seus aposentos para se refrescarem. O jantar começa às seis.

Dei um olhar ansioso para Faye e Elise. Quero-as ao meu lado, como um amortecedor entre este homem imponente e eu. — Prefiro que fiquem.

— Vocês se reunirão em breve. – Seu tom é decisivo. Um ponto final. Um aceno autoritário de sua bela cabeça coloca a criada em movimento, e ela acompanha minhas damas pela porta da biblioteca. Uma inquietante preocupação afunda até Liam gesticular em direção a um grupo de cadeiras de camurça. — Vamos sentar?

É quando vejo um envelope pardo em uma mesa. Sem dúvida, é o contrato que meu tio assinou uma semana depois que o avião de meus pais caiu, prometendo minha mão em casamento com a Irmandade do Zodíaco.

Rowan coloca a palma da mão nas minhas costas, me incentivando a andar. Depois que nos acomodamos nas cadeiras - meu tio e eu de frente para o Chanceler - Liam tira vários papéis do envelope e coloca um na mesa entre nós. O rabisco da assinatura de Rowan acende uma dor profunda no meu íntimo. Essa tinta é um lembrete de tudo que perdi.

Eu engulo em seco. Nem seis anos podem apagar a realidade da morte de meus pais ou o buraco que a ausência deles criou em minha vida.

Liam tira uma caneta do bolso do seu caro traje de cor carvão e a entrega a Rowan. — Como você discutiu com meu pai há seis anos, ao assinar, você declarou que Novalee permaneceu virgem.

Prendo a respiração enquanto a mão do meu tio paira sobre a linha na parte inferior.

Um movimento do pulso e um pouco de tinta, e a vida como eu a conheço mudará para sempre.

Essa tinta será o começo do fim.

Lutando contra as lágrimas, vejo o meu tio escrever seu nome atrás. Ele abaixa a caneta cuidadosamente, prestando uma pequena homenagem ao significado desse momento e à destruição que atinge o meu coração.

— Excelente. – diz Liam enquanto se levanta. — Antes de você ir, eu preciso de uma demonstração de boa fé da Novalee.

Estou tentando não murchar sob o olhar minucioso do Chanceler quando meu tio faz a única pergunta na minha cabeça.

— O que você tem em mente?

Os olhos castanhos claros de Liam se recusam a vacilar nos meus. — Um favor sexual como demonstração de seu compromisso com o contrato. A virgindade dela permanecerá intacta, é claro.

Eu pulo de pé. — Não farei tal coisa! – É uma reação instintiva - uma reação absurda se levar em conta o que será esperado de mim nos próximos doze meses.

— Você fará isso porque eu exijo. – A testa de Liam levanta em desafio.

Meu tio está de pé, me dando um olhar de aviso. — Lembre-se do seu lugar, querida sobrinha.

— Minha casa? – eu cruzo os braços, incrédula, e olho para os dois. — E qual é exatamente o meu lugar?

— Estaria de joelhos. – diz Liam, dando um passo mais perto.

— Por quê? Porque você é o Chanceler? – eu desafio em um tom assustador, sabendo muito bem que minha boca vai me meter em sérios problemas com esse homem se não tomar cuidado.

— Não, minha Rainha. Minhas razões são uma questão de logística.

— Logística? – eu digo incrédula.

— Sim. A posição proporcionará um uso mais eficiente da sua boca.

Eu me viro para o meu tio. — Você não pode permitir isso! – O apelo ecoa, e estou certa de que todos no primeiro andar ouvem meus gritos.

Rowan coloca uma mão pesada em meu ombro. — Obediência à Irmandade é o seu dever, Novalee. Ajoelhe-se diante do Chanceler.

Gemma

James

Eu endureci minhas pernas, recusando-me a submeter-me mesmo quando meus olhos queimam com a impossibilidade das circunstâncias. Quero implorar novamente, mas nenhuma quantidade de pedidos por um resultado diferente fará com que a resolução do rosto de qualquer um seja vacilante.

Porque não há liberdade nesta ilha.

Nenhum direito para a Rainha de uma nação estrangeira.

Sem escolha.

O peso constante do aperto do meu tio me deixa de joelhos. Meu peito se agita com indignação quando Liam se eleva na minha frente, com as mãos nas costas, ombros largos quando a protuberância atrás do zíper me provoca com o que vou enfrentar pelos próximos doze meses.

Doze homens.

Obstinados e viris.

E todos eles determinados a me possuir.

Rowan limpa a garganta. — Peço desculpas pela falta de protocolo da minha sobrinha.

Eu resisto a ranger os dentes.

— Ela aprenderá. – Liam acaricia minha cabeça como se eu fosse uma pomerânia[1] valiosa. — Vai levar algum tempo, mas ela se adaptará aos nossos costumes.

---

[1] ***Pomerânia: é uma raça de cachorra.***

— Sim, bem, receio que Novalee seja uma jovem muito obstinada.

— Garanto que é uma questão que pretendo abordar.

Dei um último olhar suplicante para o meu tio, mas a curva severa de sua boca não me dá esperança.

— Vou esperar na sala de estar enquanto se conhecem. – diz ele, e eu fico desamparada enquanto vejo meu último fragmento de esperança desaparecer pela porta. Ele bate a porta na saída dele e eu pulo. O silêncio que se segue é muito invasivo. *Consumindo-me demais.*

Liam não se mexe ou fala a princípio. Nem eu. Os segundos passam enquanto observo sua calça cinza-escura, propositalmente mantendo o meu foco abaixo do zíper. Sua respiração elevada rompe o silêncio, com as inspirações e expiração rasas e ásperas, carregadas de uma sugestão do que eu acho que é desejo.

Alguém já pareceu tão... despertado na minha presença antes? Ficou na minha frente assim - com poder e apelo masculinos? Seis anos atrás, Liam ficou, embora agora eu perceba que ele se conteve em deferência à minha idade.

— Olhos aqui em cima. – Seu tom de comando retumba através dos meus ossos, atraindo meu olhar para seu rosto, e não há como negar o quão lindo ele é. Mandíbula forte, barba bem aparada e aquele cabelo acobreado de que me lembro de seis anos atrás, quando ele repreendeu o garoto

com o cabelo loiro selvagem. Esse homem me defendeu na época, mas não será o caso desta vez.

— Você percorreu um longo caminho desde aquela criança de joelhos. – diz ele como se as nossas mentes estivessem na mesma sintonia. Ele acaricia a palma na minha nuca. — Não há problema em não ter certeza. Eu sei que você é intocada e inocente. Tenho a honra de ser o primeiro a tocar em você.

Exceto que ele fará mais do que me tocar. Mais uma vez, minha atenção cai nas calças dele e no contorno perceptível de sua ereção.

Ereção.

Não estou familiarizada com a palavra. Eu sei como a anatomia masculina funciona. Eu até sei o que é esperado de mim. Como se quisesse confirmar a minha suspeita, ele desafivelou o cinto e desabotoou a calça.

— Desabotoe sua blusa, Novalee.

Meus dedos tremem visivelmente quando pego o primeiro botão, e são necessárias três tentativas antes que ele se abra do laço. Desfiz os dois seguintes e olho para ele para instruções, esperando que ele me permita parar de mostrar o decote.

— Continue.

Engolindo em seco o aperto na minha garganta, eu revelo mais pele. As partes do tecido, expondo meu sutiã de

cetim. Liam afasta a blusa, uma sobrancelha levantada em comando silencioso, e eu deixo a blusa escorregar dos meus ombros.

— Tire a roupa de baixo também.

O desejo de implorar é intenso, com um apelo à minha modéstia na ponta da minha língua, e eu hesito um segundo por muito tempo.

— Não emito ordens duas vezes. – diz ele, segurando-me pelo queixo. — Vou facilitar isso para você, mas esse é o seu único aviso.

Seu tom é duro, apunhalando como uma faca no meu estômago, e antes que ele possa dar a ordem novamente - e me punir por isso - eu tiro o último tecido cobrindo meus seios. Uma corrente de ar acaricia minha nudez, persuadindo meus mamilos a enrijecer. Nunca me senti mais vulnerável do que agora, de joelhos e nua da cintura para cima.

Liam respira fundo. — Deslumbrante. – ele agarra meus pulsos e força minhas mãos no meu peito. — Brinque com seus mamilos.

— Por quê? – eu sussurro.

— Não me questione.

Estou totalmente humilhada enquanto acaricio os meus mamilos, rolando suavemente os picos sensíveis entre o polegar e o indicador.

— Boa menina. – ele respira, pegando o elástico de sua cueca boxer. Ele se expõe e, à primeira vista de seu corpo, meus olhos se arregalam.

— É grande.

— Você aprenderá a aguentá-lo.

Não vejo como. Ele é grosso e comprido, e seu punho não cobre metade do comprimento quando ele dobra os dedos. Não consigo esconder uma respiração nervosa.

— Você vai ser gentil?

Com a mão livre, ele acaricia meu rosto, o toque do seu polegar acaricia minha bochecha. — Comparado a alguns de meus irmãos, serei misericordioso.

E é aí que a gentileza de seu toque para.

Segurando meu cabelo, ele puxa minha cabeça para trás e a posição inclina meu rosto direito, seu aperto forte garante que eu não possa escapar de seu aperto. — Por favor. – eu suspiro, me desprezando pelo deslize. — Eu não sei como fazer isso.

— Sua inexperiência é o que me atrai. – ele acaricia seu comprimento, confiante em sua habilidade, enquanto move a mão da base à ponta e vice-versa. — Belisque seus mamilos.

Eu sigo a sua ordem, adicionando mais pressão à pele entre meus dedos. Um calor curioso flui entre minhas coxas. Uma vez eu me toquei, provocando a mesma sensação de formigamento que se espalhava por meus ossos agora, mas

meu sentimento de vergonha era muito forte e parei antes que fosse mais longe.

— Mais forte. Faça-os doer.

Talvez se eu fizer meus mamilos doerem, o calor entre minhas pernas desaparecerá. Eu pressiono com força, o rosto franzindo com a dor que irradia através dos meus seios.

A ponta molhada de sua ereção empurra contra meus lábios. — Prove-me. – diz ele, puxando o meu cabelo até eu mostrar minha língua.

Ele é salgado com uma pitada de agridoce, e não tenho certeza se gosto ou não do sabor. Eu lambo meus lábios, e então sua carne está lá novamente, pressionando contra meus lábios até que eles se separam e permitam que ele entre. Minha boca se fecha em volta da cabeça grossa e ele respira fundo entre os dentes.

— Jesus. – ele murmura. — É tão gostoso.

E então ele começa a empurrar, a sua voz rouca diz instruções breves como chupar, sem dentes e me engole. Essa última ordem me confunde até que ele empurra para o fundo da minha garganta, e eu percebo que ele pretende ir fundo.

Muito fundo.

O instinto entra em ação e empurro minha língua contra a carne quente na minha boca.

— Não lute comigo. – ele diz com um gemido baixo, puxando e batendo com o pau na minha bochecha. — Meus irmãos não serão tão gentis e pacientes quanto eu. Eles se cansaram das suas provocações e tiraram o prazer na sua bunda. – ele se empurra na minha garganta novamente, só que desta vez quando começo a engasgar, eu luto para aceitá-lo.

Para aceitá-lo.

— Isso é para o seu próprio bem, minha doce menina.

Ele define o ritmo com golpes rápidos, e meu peito dói por vomitar em sua cintura. A humilhação obstrui meu nariz, dificultando a respiração com a maneira como ele está reivindicando minha boca. Eu o olho, desesperada, com um grito em meu rosto e nossos olhos se encontram. Os dele são mais escuros do que uma noite sem lua, com as pálpebras entreabertas.

Ele parece... extasiado. Apanhado em um feitiço. Um curioso senso de poder toma conta de mim. Eu nunca senti nada parecido antes.

E nunca vi nada tão bonito quanto a rendição em um homem como Liam.

Sua mão aperta meu cabelo e, com um empurrão final entre minhas amígdalas, ele fica parado. — Engula. – ele geme quando seu orgasmo quente jorra na minha garganta. Eu engasgo um pouco quando ele desliza para baixo. Depois, ele se afasta, e o espaço entre nós é estranhamente

silencioso. Estou paralisada, meu cérebro lutando para acompanhar o que aconteceu.

Porque o Chanceler Liam Castle acabou de entrar na minha boca e eu não sei como me devo sentir sobre isso.

Irada?

Empoderada?

Excitada?

Repulsa?

Tudo o que estou é desconcertada. Com os olhos ardendo, eu largo meus mamilos e limpo a umidade almiscarada dele dos meus lábios.

— Eu satisfiz você, Chanceler? – A dor no meu tom vem à tona, corajosa e ousada.

Em vez de questionar minha atitude, ele parece divertido, com a boca se curvando em um amplo sorriso enquanto me levanta. — Você me ouve reclamando?

— Não. – eu sussurro, com as bochechas em chamas enquanto abaixo meu olhar para sua garganta.

Ele levanta o meu queixo. — Você gostou de me dar prazer?

— Não! – A negação é muito rápida. Ele sabe isso. Eu sei isso.

Aquele sorriso dele irradia. — Diga a verdade, Novalee.

Mordo o lábio inferior, hesitando. — Não foi horrível.

Ele ri. — Sua honestidade é bem-vinda.

— Você geralmente inspira desonestidade nas pessoas, Chanceler?

— É Liam. – Seu tom suaviza. — A mulher com quem pretendo me casar me chamará pelo o meu nome. Está entendido?

— Sim... Liam.

— Isso é melhor. – Suas mãos ainda estão em mim, com um polegar acariciando a ponta dos lábios que eu usei e ele desliza dos dedos nos meus cabelos. Agora que ele começou a me tocar, ele não consegue parar.

E não encontro forças para não gostar disso.

— Para responder a sua pergunta... – ele deixa um momento pesado passar. — As pessoas sabem que é melhor não mentir para mim.

Não sei se ele quer dizer um aviso, mas tomo isso como um.

Liam Castle não é alguém para quem você mente.

Ele não é alguém que você desobedece.

E ele definitivamente não é alguém por quem você se apaixona.

— Então me diga, Novalee Van Buren. Você gostou do sabor do meu pau?

Pau.

Outra palavra que conheço, embora exista uma tendência corrente de juntar essas letras. É mais ousada e mais pervertida que ereção ou pênis.

É crua e obscena e... sexy.

— Eu... eu não sei. É a primeira vez que provei um homem.

— Certamente não será a última. – Liam pega as minhas roupas do chão.

— Selma lhe mostrará seus aposentos.

— Meus aposentos? – eu encolho os ombros na minha blusa e abotoo a frente.

— Sim, você terá seu próprio conjunto de quartos no andar da cobertura. Vamos dividir as refeições juntos, é claro. – Depois que eu sou mais uma vez decente, ele pega minha mão e me puxa em direção à porta da biblioteca. — Você não esperava ter seus próprios aposentos?

— Eu pensei... – eu paro com uma respiração nervosa. Liam encarna o espírito de um homem no controle de seus impulsos e desejos, mas ele também parece ser o tipo de homem que quer você à sua disposição, disponível sob

comando. — Acho que pensei que você gostaria que eu compartilhasse sua cama.

Puxando-me para parar a um metro da porta, ele levanta meu queixo no que estou aprendendo que esse é o movimento dele. — Meus irmãos podem querer compartilhar a cama com você, mas eu não sou masoquista.

Não estou preparada para a dor que ocorre no meu peito e respondo antes de pesar nas minhas palavras. — Você não me quer?

— Quem não gostaria de ter você, minha doce menina? – ele abaixa a cabeça, separando nossos lábios alguns centímetros, e respiro seu perfume picante. — Mas sei meus limites quando se trata de mantê-la pura. Até que você seja coroada como minha Rainha, eu conseguirei o que quero com a sua boca, mas não terei você na minha cama.

03

A viagem até o topo da torre é terrivelmente lenta. Mal estou segurando minha compostura. No momento em que Selma me mostra os meus aposentos particulares, estou tremendo. Dispenso a empregada antes de correr para dentro, desesperada por um momento sozinha para poder processar o que aconteceu no primeiro andar desta fortaleza circular.

Não percebo a grande confusão no meu rosto até Faye correr para mim, com os olhos arregalados alarmados.

— O que esse bastardo fez com você?

Sua veemência, seu apoio inabalável - isso me faz ceder imediatamente. Eu soluço em minhas mãos e com os joelhos encontrando o chão. Eu nem sei ao certo por que estou caindo aos pedaços.

Porque Liam Castle ficou sob a minha pele rapidamente? Isso faz pouco sentido. Tudo o que eu sei é que estou cambaleando e não consigo parar.

— Novalee! Fale com a gente. O que aconteceu?

— Eu não sei se posso fazer isso. – eu olho para minhas damas através do dilúvio de lágrimas escapando dos meus olhos.

— Ele foi malvado? – Elise pergunta, com uma hesitação cautelosa nítida marcada em sua pele de porcelana.

Faye é mais direta. — Ele machucou você? – ela franze as sobrancelhas e os lábios com uma intenção protetora e estoura a bolha. — Porque se ele te machucou...

Ela não fará nada. Somos mulheres em um lugar estrangeiro que não nos oferece os mesmos direitos que os homens. Eles dizem que somos fracas e não tão inteligentes, mas no fundo do meu coração, eu sei que isso não é verdade.

Porque é preciso força e inteligência para sobreviver a um grupo de homens como a Irmandade do Zodíaco. Especialmente com um homem como Liam na liderança deles.

— Ele não me machucou.

Faye permanece em um movimento fluido e gracioso, embora os ângulos severos em seu rosto não sejam nada. Ela me ajuda a ficar de pé. — Você tem certeza?

— Tenho certeza.

— Mas aconteceu alguma coisa? – Faye nunca evita as perguntas contundentes - aquelas que a arrastam chutando e gritando para o centro do alvo.

Estou presa lá agora, não querendo compartilhar o que aconteceu com as minhas damas, mas desamparada para encontrar uma maneira graciosa de sair disso. — Ele me fez... – eu mantenho o olhar dela quando Elise se enrijece.

Gemma

James

As duas são as mais próximas que eu já terei como irmãs, e nós conversamos sobre sexo no passado, mas a ideia de confidenciar o que Liam me fez fazer, até o último detalhe pervertido, deixa minhas bochechas em chamas.

Faye pega minha mão. — Você sabe que pode nos dizer qualquer coisa.

— Ele me pediu para... fazê-lo gozar. – Embora ele não tenha pedido, e tenho vergonha de admitir o quão impotente eu estava no momento.

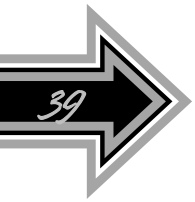
Faye levanta uma sobrancelha escura. — Você gostou?

— Não... completamente... aquilo me repulsou.

Elise exala como se estivesse prendendo a respiração pelo último minuto. — Não enrola. Como foi?

Internamente, eu me encolho com a emoção perceptível dela, mas essa é Elise - sempre sorrindo e mantendo as coisas positivas. Desde o dia em que ela veio morar em nossas terras, três anos atrás, ela sempre foi uma garota otimista. Embora eu nunca tenha experimentado um coração partido, Elise seria a primeira a oferecer um pote de sorvete de chocolate e uma coleção de filmes de garotas.

Faye estaria muito ocupada chutando a bunda do homem que me machucou para participar da maratona de filmes. Entre as duas, elas me protegeram. Eu movo meu olhar entre minhas amigas mais próximas, observando seus rostos expectantes e ouvindo suas perguntas silenciosas mútuas.



Como foi dar prazer a um homem como Liam Castle?

Assustador.

Emocionante.

Rude.

Excitante.

Vergonhoso.

— Eu preciso me preparar para o jantar. – digo, evitando completamente o assunto.

O suspiro de exasperação de Faye move o seu cacho escuro provocando seu olho esquerdo. — Bem. Arquivaremos essa conversa para mais tarde. – ela quer me pedir mais informações sobre a arte do sexo oral, mas não o faz. Em vez disso, ela se vira para a Elise. — Arranje um vestido para a Rainha. Vou tomar um banho.

— Algo preto, por favor. – digo a Elise enquanto sigo Faye para o banheiro. A cor é apropriada para uma rebelião e adequada para um funeral. A camuflagem perfeita para enfrentar doze homens predadores durante o jantar.

Vários minutos depois, estou entrando na água quente com um suspiro aliviado, espuma subindo pelos meus seios. Meus mamilos cutucam as bolhas, super sensíveis à mudança de temperatura, e o Chanceler aparece em minha mente como flashes em um rolo de imagem.

A confiança em seu toque.

O comando em sua voz.

A rendição em seu rosto quando ele gozou.

Um forte desejo estranho de me tocar se inflama dentro de mim. Olho para Faye, que se sentou na penteadeira, esperando para oferecer sua ajuda, caso eu precise.

O que eu preciso é de privacidade.

— Eu posso me vestir sozinha hoje à noite para o jantar. Você e Elise devem se instalar em seus aposentos e se arrumar.

Com os olhos entreabertos, ela me observa como se procurasse tudo o que não estou dizendo. — Você tem certeza que está bem?

— Estou bem. Eu só preciso de um tempo sozinha.

— Claro.

Depois que ela me deixa em paz com meus pensamentos lascivos, não perco tempo colocando uma mão entre as pernas. Nunca me senti tão decadente e pecadora. O vapor sai da minha pele macia e eu fecho meus olhos enquanto meus dedos exploram, aumentando o ritmo quando pressiono no local que é especialmente bom. Deixei aquelas imagens armazenadas de Liam na minha cabeça. Ouço sua voz nos meus ouvidos. Finjo que o toque dos meus dedos é dele. Eu coro ainda mais, com meu batimento cardíaco batendo atrás do meu esterno.

Eu nunca estive tão perto. Em vez de me esquivar, como fiz na última vez em que me toquei, aumento a pressão e a velocidade, imaginando o Chanceler apoiando-se acima de mim, com o peito nu encostando nos meus mamilos.

Ele desbloqueou algo dentro de mim quando usou minha boca do jeito que fez. Algo pervertido e primitivo. Um desejo que não existia antes - a necessidade de saber como é se render a si mesma.

Se render a outra pessoa.

Eu enfio duas pontas dos dedos dentro da minha boceta e imagino seu pau lá em seu lugar. — Liam. – gemo, o apelo é como um estrondo nos meus lábios.

E é aí que alguém respira fundo.

Meus olhos se abrem. O homem das minhas fantasias está de pé ao pé da banheira, seus olhos de caramelo reduzidos a fendas. Ambas as mãos formam punhos ao seu lado.

Viro-me de pé, com as mãos cobrindo o meu peito e água escorre por toda parte.

— O que você esta fazendo aqui!

— Eu moro aqui.

— Mas estes são meus aposentos particulares.

— Você não encontrará um lugar nesta ilha a que não tenho acesso. – ele contorna a banheira e me puxa para fora

da água para ficar diante dele em uma vergonha atordoada. — Você gozou?

Minhas bochechas ardem ainda mais. — Nã... não.

A água escorre em riachos pela minha pele, pingando dos meus cabelos e encharcando o tapete de pelúcia sob meus pés. O sangue pulsa entre as minhas pernas, uma coceira maravilhosa que não consigo coçar. À medida que o descontentamento escurece seus belos traços, eu não posso deixar de lamentar o clímax que não aconteceu. Como seria passar por cima do limite?

— O orgasmo é um presente. – diz ele, apertando o meu pulso com força enquanto me puxa para fora da minha suíte para os aposentos, e para o espaço compartilhado da cobertura. — Você nunca deve tê-lo sem permissão.

Estou tremendo enquanto me ele arrasta para os seus aposentos. O sol se pondo em direção ao horizonte lança o espaço na sombra, e os móveis pesados dão um tom de virilidade masculina. Uma cama projetada para um rei fica em cima de uma plataforma no meio do quarto, equipada em azul escuro. Uma cor adequada para a realeza.

Ele me leva para longe da cama e gentilmente me joga em um assento em uma pequena mesa em frente a um conjunto de portas francesas. Além do vidro, vejo uma varanda. — Você não deve vir aqui, a menos que eu instrua o contrário. Você entende?

— Si... Sim. – digo, batendo os dentes. — Por que estou aqui?

— Coloque as mãos na mesa, com as palmas para cima.

Eu obedeço, sabendo que agora não é hora de questioná-lo. Com um aceno decisivo, ele caminha pelo quarto e tira algo de uma prateleira na parede.

Meu estômago dói quando ele volta.

— Você sabe o que é isso?

Uma forte aceitação precede a minha resposta. — Isso é um chicote de montaria.

— Você sabe por que suas mãos estão nessa mesa agora?

Sem pensar, eu as puxo de volta.

— Não as mova. – O final de couro do chicote faz um forte golpe na mesa, acentuando seu comando.

Eu coloco minhas mãos de volta na posição, com cada fibra do meu ser pedindo para eu correr. Mas até onde eu chegaria? Fora deste quarto? Talvez eu atravesse a porta da cobertura antes que ele me alcance. Talvez eu consiga entrar no elevador, para poder atravessar a torre tão nua quanto no dia em que nasci.

— Você entende por que está sendo punida?

— Porque eu estava me tocando?

— Porque você fez isso sem permissão.

— Você não está sendo justo. Eu não sabia que era contra as regras.

— É para você aprender disciplina, Novalee. – ele aponta para minhas mãos vulneráveis e expostas. — Se você mexer as mãos novamente, não terei escolha a não ser levá-la ao nosso carrasco para punição. Confie em mim, nenhum de nós quer isso.

Sua ameaça colide dentro de mim, com uma explosão fatal de raiva e medo. *Confie nele, ela diz.* Eu quero rir, chorar e gritar com a ironia dessa demanda. Quando ele dá um passo para trás e levanta o chicote, com uma sinistra introdução, eu me lembro de que já passei por pior.

Eu precisava de atenção médica e uma almofada macia por uma semana depois que o tio Rowan bateu seu chicote nas minhas costas por tentar escapar.

— Você receberá cinco chicotadas em cada palma da mão. – A mão dele se contrai, a um milissegundo de causar dor, e nossos olhos se encontram. — Prepare-se, minha doce menina.

Smack!

Eu pulo, respiro fundo, e outro ponto de raiva se forma na minha armadura.

Ele bate o chicote na minha palma esquerda.

Então, a direita.

Para frente e para trás, avermelhando minha pele clara.

Fazendo meus olhos lacrimejarem.

Eu o encaro através das minhas lágrimas não derramadas.

Antes da quinta e última chicotada, ele para respirar fundo, e meus braços tremem sobre a mesa, com as mãos queimando por causa de seu abuso. Minha alma transborda de raiva, mas por trás disso estou machucada. Eu odeio que meu coração dispare com a emoção traidora e a garganta doendo é a taxa de retenção.

Porque eu pensei que ele era diferente, acreditando que tínhamos uma conexão, apesar da realidade de nossa troca de poder. Ele não sentiu isso também, de volta à biblioteca com seu esperma ainda persistindo nos meus lábios?

Ele dá os dois últimos golpes, fazendo-os valer, e meus dentes rangem com a intensidade da dor. Meus dedos do pé encolhem pelos músculos rígidos.

Não ouso mexer minhas mãos.

Eu não me mexo.

— Acabou. – ele parece aliviado, o que é ridículo porque não foi ele quem sofreu um castigo físico. Colocando o chicote de lado, ele me levanta. — Eu não sou sádico. – diz ele, acariciando a mão pela minha bochecha. — Não gosto de infligir dor.

— Você sai do controle.

Os cantos da boca dele se contraem. Um indicio de um sorriso? Uma careta? Ele é tão difícil de ler. — Isso provavelmente é verdade, mas da próxima vez você pensará duas vezes antes de tocar no que é meu.

Suas palavras deslizam sobre mim como uma carícia física, e eu aperto minhas coxas em resposta. A tonalidade de seu olhar se transforma em castanho puro.

Juro que ele sabe o efeito que tem sobre mim.

— Eu acredito em você quando você diz que não gozou. –O polegar dele traça o contorno dos meus lábios. — Sua pele está corada com a necessidade de um orgasmo. – ele envia um olhar superficial para o meu peito. — E seus mamilos estão implorando pela minha boca.

Um gemido me escapa na ponta macia do seu polegar. Eu não resisto de passar a língua para prová-lo.

— Jesus, você está testando meu controle? – ele enfia o polegar na minha boca, e eu chupo, lembrando a maneira como atendi sua masculinidade. — Tão inocente, mas tão receptiva. Você é uma anomalia, uma orquídea vibrante no auge do inverno.

Ele enfia o polegar na minha boca três vezes, tocando na minha língua antes de se retirar. — Você se toca frequentemente?

— Não.

Suas narinas inflam. — Você já teve um orgasmo?

— O que você acha, Chanceler?

— Acho que você vai acabar no meu colo por se recusar a usar meu nome.

Essa imagem mental não inspira medo em mim como deveria. — Não pretendo desobedecer a você.

— Então responda a pergunta.

— Eu nunca tive um orgasmo.

— Você é muito sensível para uma mulher que nunca aprendeu a se dar prazer.

— Eu tentei uma vez.

— Você não se divertiu? Porque você parecia se divertir muito bem na minha banheira.

— Foi estranho, então. – Abaixo o olhar. — Hoje, não foi.

Hoje, tive a lembrança dele como inspiração.

— Você não deve se divertir sem a minha permissão novamente. – diz ele, segurando-me pelo queixo. — Está claro?

Seu comando estremece através dos meus ossos. — Sim.

— Seu primeiro orgasmo pertence a mim. Sua boceta está fora dos limites para seus dedos até que eu decida lhe dar esse presente.

Gemma

James

Pela primeira vez desde que soube do meu destino, seis anos atrás, experimento um emocionante sentimento de expectativa.

04

Depois de nos vestirmos para o jantar, chegamos ao primeiro andar. A saia de seda do meu vestido preto balança contra as minhas pernas quando Liam me pega pelo cotovelo e me leva por um amplo corredor. Estou fascinada com os enormes retratos em ambos os lados, olhando de olhos arregalados para as formas maiores do que a vida do que suponho serem os ancestrais da Irmandade.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Como começou a Irmandade do Zodíaco?

Ele para no meio do corredor, prestando atenção no retrato que me atraiu.

— Essa é a Evangeline Castle. Ela era minha avó por vários graus de grandeza. E quero dizer em todos os sentidos da palavra. – Soltando meu braço, ele entrelaça os dedos nos meus, e eu escondo um tremor, porque minhas mãos ainda estão sensíveis por causa de sua punição. — Ela tinha apenas dezoito anos quando partiu com um grupo de exploradores. Eles nunca teriam descoberto a ilha sem suas habilidades incomuns.

— Incomum?

Ele acena com a cabeça em direção ao retrato de seu antepassado. — Ela conhecia o céu noturno melhor do que a maioria dos homens. As constelações e planetas, e sua posição, dependendo da estação. A princípio, os exploradores acreditavam que ela era uma alma supersticiosa, mas depois que ela previu duas catástrofes em potencial, eles começaram a ouvi-la. – ele envia um olhar superficial pelo corredor. — Ela os trouxe até aqui e, ao fazer isso, eles escaparam da morte certa em uma tempestade. Também ficaram ricos no processo, porque a ilha era desabitada e abundante em ouro.

Ele caminha pelo corredor alguns passos, me puxando até ficarmos olhando para um retrato de um grupo de homens do que parece ser o século XVII.

— Estes homens são os exploradores?

— Sim. Evangeline era uma pensadora progressista. Uma Amelia Earhart do seu tempo. Mas eles não podiam negar que havia algo de especial nela. – ele inclina a cabeça e nossos olhares se encontram. — Havia doze exploradores, um para cada signo do zodíaco.

— Isso é uma coincidência.

— Nós não acreditamos em coincidências, Novalee. Os exploradores também não. Evangeline se tornou sua rainha valiosa, compartilhada entre os doze, mas trancada em uma torre.

— Por que eles a trancaram?

— Ela queria ir embora da ilha. Eles não queriam.

— Então ela era prisioneira deles? – A dor surge no meu estômago com o pensamento.

— A prisioneira, a rainha e a mãe dos filhos.

Olho para ele, com a minha mente girando através das implicações do que ele acabou de dizer. — Ela não é apenas sua antepassada, é?

— Não. Todos nós doze somos descendentes de Evangeline Castle.

— Mas você leva o sobrenome dela.

— Ela conseguiu o sobrenome do explorador nascido em Áries. Diz a lenda que ela o favoreceu mais.

— Então está me dizendo que toda a ilha foi fundada e criada por uma mulher? E um incesto?

— Os descendentes diretos de Evangeline sempre traziam pessoas de fora para se casar. É tradição, assim como é tradição competir pela mão de uma rainha em casamento no início de uma nova Irmandade.

— E como é escolhida a nova Irmandade?

Seus lábios se curvam em um sorriso. — Você está cheia de perguntas, não é, minha doce menina?

— Estou apenas tentando entender tudo. – Lentamente, seguimos pelo corredor mais uma vez.

— A Irmandade muda de poder a cada 25 anos, mais ou menos. Cada casa tem o dever de ter um herdeiro masculino nascido sob seu signo do zodíaco. Quando todos os doze herdeiros atingem a maioridade, a tradição se renova e uma nova rainha virgem é encontrada. – ele me olha de lado. — Esta é uma informação privilegiada.

— Parece uma tradição baseada em superstição.

— Os homens testaram a tradição ao longo dos anos. Os resultados nunca foram bons.

— Como assim?

— Doenças e mortes, principalmente. Quando seguimos a tradição, prosperamos. Quando nós não seguimos...

Um arrepio toma conta de mim. Ou isso foi realmente uma corrente de frio batendo nas minhas costas? De repente, eu gostaria de ter escolhido um vestido que não fosse sem costas - ou pelo menos soltasse o cabelo. Calafrios entram em erupção na minha pele.

— Por que a rainha sempre é virgem? Evangeline não era virgem para todos os doze.

— Ela era virgem para apenas um.

— Qual?

Uma sombra parece cruzar seu rosto. — A casa de Leão.

Estou curiosa sobre o problema dele com Leão, mas não quero arriscar encerrar esta conversa. Demos mais alguns

passos em direção às portas abertas que conduzem à sala de jantar e espero o franzido entre as sobrancelhas escuras desaparecer antes de fazer minha próxima pergunta. — O que acontece se uma das casas não pode produzir um herdeiro?

— Se surgirem problemas de fertilidade, fazemos o necessário para produzir um herdeiro. Barrigas de aluguel foram usadas no passado. Então, tem as amantes.

Algo próximo à possessividade corre dentro de mim, e imagino o homem com quem me casarei na cama com outra mulher. Eu não gosto dessa ideia. E não gosto que o homem na minha visão hipotética seja Liam. Eu o conheço há apenas um dia, mas estou me tornando... apegada.

Como vou passar os próximos doze meses sem esmagar o meu coração no processo? O potencial para aniquilação total é muito grande. Não importa qual seja o resultado, alguém vai se machucar.

Vários alguém.

— E se um membro da Irmandade for o único com o problema de fertilidade?

Liam para e o olhar que ele me dá é tão intenso que eu fico tentada a dar um passo atrás. — Isso nunca aconteceu, Novalee.

— Isso é... improvável na melhor das hipóteses e impossível no máximo.

— A tradição ainda não nos decepcionou.

Ele me incentiva a andar e chegamos à entrada da sala de jantar formal, onde minhas damas estão esperando. Enquanto Faye cumprimenta Liam com um ar frio, abaixo de sua habitual indiferença, de repente me lembro da minha conversa com ela antes do banho.

O banho.

O que ele interrompeu e me puniu.

Como eu poderia esquecer, por um momento, quão absoluto seu poder é? Ele me ajudou com sua lição de história no salão, me seduzindo com o mistério das origens da Irmandade. Liam estimula a minha mente tanto quanto ele estimula meu corpo.

Que combinação perigosa.

— Prontas para entrar, senhoritas? – Liam aponta para que entremos primeiro. Entro na elaborada sala de jantar, com as minhas damas de cada lado, e absorvo o espaço circular. Acima de uma mesa redonda gigante, está pendurado um lustre enorme. Não há janelas nesta sala, pois estamos no meio da torre, no primeiro andar.

É um lugar sufocante, especialmente com onze pares de olhos me encarando de seus tronos ao redor da mesa.

Liam nos move para frente, e eu percebo que a mesa está dividida em doze partes. Ele limpa a garganta. — Tenho o

prazer de apresentar nossa rainha, Novalee Van Buren e suas damas, Faye e Elise.

Inclino a cabeça em uma demonstração de respeito. Liam gesticula para eu me sentar, então ele se senta na cadeira à minha direita enquanto as minhas damas se sentam à minha esquerda. Estamos todos conectados a esta mesa - um círculo contínuo que nunca termina.

— Antes de fazermos as apresentações formais... – diz Liam. — Gostaria de presentear a Novalee. – ele acena com a mão para Selma, que se dirige para a mesa carregando uma caixa redonda branca em uma bandeja dourada. Liam a pega e abre a tampa antes de colocá-la na mesa.

Um anel de diamante enorme brilha sob a luz do lustre.

Seus olhos castanhos são calorosos, e há um toque de sorriso em seus lábios quando ele pega minha mão esquerda. — Todo membro da Irmandade lhe dará um presente no começo de seu tempo com você. Este anel é meu. Simboliza o compromisso da Irmandade com você e seu dever conosco.

Ele desliza-o no meu dedo anelar, e não posso deixar de ficar de boca aberta com o brilho da pedra. É lindo e pesa na minha mão tanto quanto os próximos doze meses pesam sobre meus ombros.

Mas eu aprendi recentemente que coisas bonitas vêm com realidades difíceis.

— É impressionante. – sussurro.

— Você também. – ele leva minha mão aos seus lábios, a que ele colocou um anel - a que ele puniu mais cedo naquela noite - e coloca um beijo lá.

E ele diz que sou uma anomalia.

Liam é uma contradição de duro e terno.

— Senhores. – diz ele, de frente para os homens à mesa. — Por favor, levantem-se e se apresentem na ordem de suas casas.

O homem sentado do outro lado de Faye se levanta. Seu cabelo escuro está cortado perto da cabeça e na linha do nariz aristocrático.

— Heath, Casa de Touro.

Há um estoicismo sobre ele que me deixa desconfortável, e eu já estou com medo no mês seguinte.

O próximo homem do círculo se levanta e eu estreito os olhos enquanto tento me lembrar de como o conheço. Tecnicamente, conheci todos os doze desses homens há seis anos, mas esse homem - com seus olhos esmeralda e sorriso descontraído - parece especialmente familiar.

— Landon, Casa de Gêmeos.

Então seu sorriso se amplia, e eu lembro. Ele era o mais velho dos doze e riu de mim, surpreso pela minha tenra idade. Ele ainda parece rir de mim, com os olhos brilhando em uma piada particular da qual eu não sou parcial.

Um homem com um rabo de cavalo loiro levanta em seguida. — Vance, Casa de Câncer. – Seu sorriso não é tão convidativo quanto o de Landon, mas eu sinto uma gentileza nele que me deixa à vontade. Vance recupera seu assento, e minha atenção pousa no homem ao lado dele.

Seu cabelo loiro está em abandono descuidado, e suas roupas amarrotadas me fazem pensar que ele caiu da cama e vestiu o primeiro jeans que encontrou. Há um ar de tédio altivo sobre ele quando ele se levanta.

Estou surpresa com a hostilidade em seus olhos azuis. Eles me perfuraram, e eu me lembro da maneira como ele me provocou na primeira vez que o conheci.

— Sebastian, casa de Leão.

Leão. Eu deveria saber. Eu espero que ele se sente novamente agora que se apresentou, mas ele não se senta.

— Como sabemos que ela ainda não abriu as pernas? – pergunta o leão dirigindo a pergunta ao Chanceler, embora seu óbvio desgosto por minha existência destrua a alma. Minha mandíbula está aberta e estou prestes a protestar quando Liam aperta o meu joelho em um comando silencioso para ficar quieta.

— Cuidado com a boca, Sebastian. A rainha não fez nada para ganhar seu desprezo. Ela merece o seu respeito.

— Respeito é conquistado. Não é isso que nossos pais sempre nos diziam?

— Eu terminei esta conversa.

— Mas você nunca respondeu à minha pergunta, Chanceler. Só porque o tio dela nos prometeu uma virgem não significa que ela não fodeu metade da população masculina de sua nação.

Liam bate com o punho na mesa. — Já basta!

Vance limpa a garganta. — Amanhã, vou fazer um exame para confirmar a virgindade dela.

— E a vontade dela de cooperar? – diz Sebastian. — Eu não tenho interesse em tomar conta de uma criança.

A raiva que flui de Liam é tangível. — Sua obediência foi testada.

— Eu preciso de minhas próprias garantias. – Mesmo enquanto ele diz as palavras, sinto que Sebastian está apenas tentando provocar o Chanceler.

— Então você terá suas malditas garantias. – retruca Liam. — Amanhã, durante o exame, todos vocês terão a chance de confirmar a virgindade dela e testar sua vontade. Satisfeito?

Sebastian sorri. — Por enquanto. – ele se senta em sua cadeira com uma vibe de presunção que provoca a minha indignação.

Mal estou presente, minha mente girando com raiva justa do homem cujo olhar azul água ainda está queimando um buraco na minha armadura.

Uma cadeira arrasta no chão e uma voz me assusta atraindo minha atenção. — Vamos voltar às apresentações, sim? Eu sou Miles, Casa de Virgem.

Então o próximo fica de pé. — Pax, Casa de Libra.

Um por um, os membros restantes da Irmandade se levantam e anunciam seus nomes e signos do zodíaco... Como se eu me lembrasse de todos depois da discussão que acabou de acontecer.

Como se eu pudesse me concentrar em qualquer coisa, menos no ódio inflamado do homem sentado seis assentos à minha esquerda. Determinado a fazer exatamente isso, desvio meu olhar para cada homem enquanto se levantam, ignorando intencionalmente o Leão e sua demonstração de desprezo.

— Ford, Casa de Escorpião.

— Tatum, casa de Sagitário.

As casas de Capricórnio, Aquário e Peixes fecham a rodada de apresentações.

Oliver.

Hugo.

Sullivan.

Gemma

James

Doze homens lindos, vestidos com tudo, desde o caro Armani ao jeans Levi's, e nessa mesa redonda dominante de testosterona e poder, apenas outra coisa além do zodíaco os une.

Eu.

05

— Hora de levantar! O sol está brilhando e está um dia quente.

O movimento atrai os meus olhos e eles abrem e eu encontro Selma separando as cortinas do chão, permitindo que a luz do dia se espalhe pelo quarto. Escondo meu rosto no travesseiro macio com um gemido.

— Você não dormiu bem? – ela pergunta.

— Na verdade não. – *Que eufemismo.* Depois que Liam me acompanhou até os meus aposentos na noite passada, pressionando seus lábios na minha testa em um breve beijo de boa noite, eu me virei e revirei por horas, com a minha mente correndo com as lembranças do meu primeiro dia na Ilha Zodiac.

O controle confiante de Liam.

A crueldade casual de Sebastian.

— Chanceler Castle está esperando você na varanda principal em vinte minutos.

Eu me viro na cama muito rápido, fazendo minha cabeça ficar tonta com o fluxo de sangue.

Selma entra no closet adjacente que é maior que o quarto da maioria das pessoas, e olho as minhas roupas penduradas nos cabides e ocupando o espaço nas prateleiras. Ela empurra vários cabides para o lado, aparentemente procurando algo específico.

— Onde estão as minhas damas? Elas geralmente me ajudam a me vestir.

— O chanceler deseja não ser incomodado hoje. Ele lhes deu o dia de folga de seus deveres.

Eu levanto da cama e franzo a testa, não gostando de sua prepotência. Selma sai do closet, segurando uma camisola branca que deixa pouco para a imaginação. Esse pedaço de tecido definitivamente não veio comigo para a ilha.

— O Chanceler Castle quer que você use isso no café da manhã. – ela a pendura no encosto de uma poltrona cor de vinho, o couro de camurça escuro oferece um contraste gritante com a pureza do branco.

— E se eu não usar?

— Bem, a escolha é sua, mas saiba que o Chanceler não deixa a desobediência ficar impune.

Aperto as minhas mãos, lembrando-me da dor que desapareceu durante a noite durante o meu sono agitado, embora o fantasma da ardência permaneça.

Enquanto Selma arruma a minha cama, pego a camisola e vou para o banheiro.

Vários minutos depois, depois de uma conversa solitária, estou diante do espelho de corpo inteiro com meus mamilos rosados em exibição nas taças de renda. A camisola é transpassada até os meus joelhos, dando uma falsa sensação de modéstia, porque o tecido é transparente e, por baixo, estou usando uma calcinha fio dental. Meu cabelo comprido é minha única opção de modéstia, então eu o coloco sobre meus ombros para cobrir meus seios.

Quando volto para o quarto, com os dentes recém-escovados e a bexiga esvaziada, encontro o quarto deserto e limpo como estava em minha chegada ontem. A parede externa curva é um maravilhoso painel de janelas enormes que revelam uma vista deslumbrante do mar e, assim como nos aposentos de Liam, um conjunto de portas francesas se abre para uma varanda.

Ando até o vidro, passando os meus dedos contra a superfície impecável, e gostaria de poder ficar dentro deste santuário privado o dia todo, a salvo da atenção lasciva de um homem que me faz sentir coisas vergonhosas.

Mas uma olhada no relógio me assusta. Passei mais tempo no banheiro do que imaginava e agora já estou dez minutos atrasada.

Isso não é bom.

É o único pensamento saltando em volta da minha cabeça enquanto corro pela minha sala de estar privada e para a parte principal da cobertura. O cheiro da comida -

uma mistura de canela e salsicha - flutua pelas portas abertas da varanda, onde eu o encontro sentado sozinho à mesa.

— Presumo que Selma tenha lhe dito vinte minutos? – ele não olha para mim enquanto faz a pergunta, e a natureza de seu tom indiferente me deixa nervosa.

Estou tentada a mentir, mas não tenho isso em mim. Não com ele. — Sinto muito. Perdi a noção do tempo no banheiro.

Ele finalmente levanta a cabeça, com os seus olhos castanhos um rico caramelo, na luz do sol quente. Uma leve brisa move meus cabelos, fazendo com que os meus mamilos pressionem meus fios de cabelo. Sua atenção baixa para o meu peito, e um franzido se forma entre suas sobrancelhas. Afastando a cadeira para trás, ele pega uma colher de servir de madeira da mesa e eu fico tensa, assumindo que ele a usará para me punir. Em vez disso, ele usa o cabo fino para prender meu cabelo em um coque bagunçado no topo da minha cabeça.

— Curve-se sobre a mesa. – diz ele, apontando para o fim da desordem do café da manhã. Quando não sigo sua ordem, ele me pega pelo cotovelo e me leva para onde me quer, e eu o sinto atrás de mim enquanto coloco minhas mãos na superfície lisa. Meus seios pressionam contra a madeira.

— Por que você está fazendo isso?

— Eu tenho tolerância zero para atrasos. – Seu sapato cutuca a parte interna do meu pé. — Abra suas pernas.

— O que você vai fazer comigo? – pergunto, com a voz tremendo enquanto amplio minha posição.

— Não é o que eu gostaria de fazer. – Seus dedos tocam na parte de trás da minha coxa, lentamente ele levanta a saia, levando minhas nádegas para o ar temperado da primavera. — Se você fosse minha para foder, eu te foderia aqui nesta mesa. – ele faz uma pausa, e eu sinto o calor do seu olhar em mim, espalhando arrepios pelas minhas costas.

Eu tremo, embora seja pela temperatura amena ou pelas palavras de Liam, eu não sei.

— Se fosse minha. – diz ele, pressionando as minhas costas enquanto leva os lábios ao meu ouvido. — Eu te deixaria excitada o suficiente para implorar, mas não deixaria você gozar.

Ele sobe a camisola em volta da minha cintura, deixando minhas costas vulneráveis a todos os seus caprichos.

Eu engulo em seco. — Não vou me atrasar novamente.

— Quando digo vinte minutos, quero dizer vinte minutos. Compreende?

— Sim.

— Como você ainda está aprendendo seus limites, desta vez eu não vou usar o meu cinto, mas você está recebendo um tapa por cada minuto em que se atrasou.

A ideia de sua mão na minha bunda transforma meu interior em desejo fundido. — Um total de dez?

— Onze, Novalee. – Sua palma quente se instala na minha nádega direita, com os dedos apertando lá. — Mas eu me pergunto, minha doce menina, minha mão vai punir, ou isso vai te excitar?

Eu já estou excitada, mas o inferno vai congelar antes que eu diga isso a ele.

Sua palma levanta da minha bunda, e um segundo depois, ele dá um tapa forte. Eu pulo, incapaz de segurar um grito, porque sua mão dói mais do que eu pensava. Ele dá outro, e outro, cada um aumentando a força. Mordendo o lábio inferior, eu aperto minhas mãos contra a mesa, esperando encontrar forças para passar a última metade da surra.

Sua mão desce novamente, e eu não posso deixar de gritar. — Você está me machucando.

— Sim. Essa é a ideia por trás de um castigo corporal.

— Mas foram apenas dez minutos!

— Foram onze.

Chicotada!

Um gemido lamentável escapa dos meus lábios. Eu nunca soube que uma surra poderia ser tão dolorosa e poderia humilhar a este grau. Meu rosto arde, sem dúvida, está tão vermelho quanto minha bunda.

Ele dá o último golpe - um golpe especialmente forte de sua mão - e então ele me faz sentar em minhas mãos à mesa.

— Agora você vai esperar onze minutos antes de comer. – ele recupera o assento e levanta casualmente a xícara de café nos lábios.

— Por que você é tão cruel? – ele é melhor que isso, melhor que Sebastian e a sua personalidade mordaz. Eu já vi isso.

Liam encontra meu olhar zangado e acho que detecto um pedido de desculpas lá; alguém que ele não quer dar voz.

— O que você chama de crueldade, eu chamo de coerência. Como o primeiro nesta torre a passar um tempo com você, é meu trabalho garantir que você saiba seus limites. – ele faz uma pausa e um momento passa, carregado de importância. — Não estou sendo cruel, Novalee. Estou armando você contra aqueles que levarão disciplina e controle em níveis especialmente draconianos.

O medo floresce em meu íntimo, imparável. É uma erva que não consigo controlar. Uma doença invasiva que não posso curar.

— Você está me assustando. – sussurro além do nó dolorido na minha garganta.

— Estou com medo por você.

— Por quê? – pergunto, percorrendo os eventos do dia anterior e as apresentações no jantar. — É o Sebastian? Ele é perigoso?

— Sebastian deve ser a menor das suas preocupações, minha doce menina.

— Então, com quem deveria me preocupar?

— Sinceramente? Todos nós, inclusive eu. – ele pisca, e algo próximo à hesitação cruza seu rosto. — Farei o meu melhor para prepará-la, mas não posso protegê-la depois que você sair da minha casa.

— Por que não? Você não é o Chanceler?

— Meu poder tem limites. Todo homem nesta torre tem autoridade sobre você até o leilão.

— Mas não tenho direito de dizer com quem me casarei, não é mesmo, *Chanceler*? – O título escapa, assim como a nota irritante no meu tom. Não me desculpo por isso, nem o retiro; estou com muita raiva da situação que me foi imposta.

Ele me agarra pelo braço e me levanta da cadeira. — Sua bunda não está vermelha o suficiente, minha Rainha?

Sua ameaça faz pouco para me colocar no meu lugar, que é onde ele me quer.

Estou muito ocupada lembrando o calor da mão dele nas minhas costas. Seu castigo foi doloroso, mas a lembrança não obscurece a maneira como esse homem me faz sentir quando coloca as mãos em mim.

— Você não me assusta, Liam Castle.

— Pelo menos um de nós não se assusta. – ele solta meu braço, e o calor em seus olhos se aprofunda quando ele puxa o cabo do cabelo improvisado do meu coque. Meus cabelos loiros caem em cascata em volta dos meus ombros, livres para ele entrelaçar em seus dedos.

— Como é que te assusto? – É um conceito absurdo que esse homem forte e confiante me tema.

— Você vê mais poder do que imagina. – A respiração dele passa pelos meus lábios, de repente rápida e superficial. Três segundos eternos passam, pesados de desejo mútuo.

Então ele pressiona sua boca na minha com um gemido. Um suspiro me escapa quando separo meus lábios com sua língua insistente. Seu beijo, profundo e consumidor, queima na minha alma. Gemo em sua boca, com os dedos segurando seu paletó enquanto o calor aumenta entre as minhas pernas.

Nunca fui beijada até agora. Nunca soube o que significa queimar por um homem até Liam acender o fósforo.

Ele geme novamente, e eu retribuo seu voto de rendição. Ele me levanta sobre a mesa em meio a porcelana barulhenta e se instala entre minhas coxas. Suas mãos estão nos meus cabelos, sua boca quente e aberta devorando a base da minha

garganta, com o seu pau duro e encaixado contra o centro molhado da minha inocência.

Não me sinto mais inocente. Estou devassa pelo pecado, destruída pela luxúria. Uma pontada de acusação ataca meu coração porque não estou sendo honesta comigo mesma.

A luxúria poderia se transformar em algo mais.

Eu poderia vir a amá-lo, e isso me assusta mais do que qualquer coisa que ele pudesse fazer comigo no nível físico.

Ele puxa as taças da camisola para baixo e seus polegares acariciam meus mamilos. — Toque-se como fez na banheira ontem.

— Você está me dando permissão?

— Para tocar, sim. – ele vira para trás e me mantém cativa em seu olhar. — Não goze. – ele empurra minha mão entre nós, me pedindo para mergulhar meus dedos sob a barreira da calcinha escassa. Um gemido escapa, e nossos olhos se encontram quando eu agarro seu ombro. Os dele são lindos, sensuais e profundos, cercados por cílios grossos. A maneira como ele me olha faz minha respiração parar.

— Você está molhada para mim? – Sua mão cobre a minha, adicionando pressão ao local mágico que encontrei ontem, sozinha na banheira.

— Sim.

Nossas mãos se movem em conjunto, criando um excelente atrito indutor de incêndio.

O tipo de atrito que me deixa sem fôlego e incapaz de parar.

— Liam. – Seu nome abre caminho através do vício em volta da minha garganta.

— Diga de novo. – ele sussurra.

Gemo o nome dele enquanto atinjo o auge, e é quando ele tira minha mão da minha calcinha, me deixando pulsando como se o sangue corresse em direção à uma represa.

— Por favor. – eu imploro, delirante e flutuando em um lugar estranho. Tento colocar minha mão ao centro de toda essa pressão e calor, mas ele não deixa. Estou respirando com dificuldade quando ele coloca cada um dos meus dedos em sua boca.

Ele está me provando.

Fazendo-me gemer a cada movimento de sua língua.

A necessidade é pulsante e penetrante em cada nervo no meu corpo.

— Por favor. – eu digo novamente, dando um suspiro trêmulo.

— Você não vai conseguir o que você quer implorando.

— Então o que vai?

— Paciência. – Sua resposta respinga gelo na minha pele corada.

— Você gosta de me torturar?

— Se isso faz você sofrer pelo meu pau, então sim. Gosto de torturá-la. – ele recua e eu me levanto. — Apresse-se e tome seu café da manhã frio. Não podemos nos atrasar para o seu exame médico.

06

A sala é grande, mas claustrofóbica, composta de quatro paredes sem janelas. Várias pinturas do mar estão em exibição, e os armários são feitos de madeira afligida – em um tom de areia que complementa o tema do oceano. A decoração foi projetada para evocar uma vibração informal, para acalmar e relaxar, mas isso é impossível porque doze cadeiras formam um círculo ao redor da cadeira de exames.

Liam me incentiva a andar. — Não temos muito tempo antes que todos cheguem. – Paramos em frente a cadeira e ele desliza a palma da mão ao longo da minha bochecha. — Gostaria que fosse apenas um exame médico, mas é muito mais que isso. Meus irmãos vão tocar em você, Novalee.

— Por favor, não deixe isso acontecer. – Não assim, na frente dele com a lembrança de seu beijo recente em minha mente.

— Preciso que você coopere. As coisas serão mais rápidas e suaves se você o fizer. – Seu polegar está em direção ao canto da minha boca. — Isso também vale para os meses depois que você me deixar.

Um ano inteiro disso, seguido por uma vida inteira de servidão ao homem que ganha minha mão em casamento. Se o homem é alguém como Liam - gentil e não importa o

castigo que desencadeia - o casamento pode não ser tão horrível.

Mas se alguém como Sebastian vencer o leilão...

Eu tremo com o pensamento.

Liam dá um passo para trás e aponta para a saia na altura do tornozelo que escolhi usar. — Dispa-se da cintura para baixo.

Perder meu pudor na frente dele já era bastante difícil; despir-se para doze pares de olhos é insondável. Puxo a cintura da saia pelas pernas e saio do tecido. Eu não estou usando calcinha desde que ele me disse para não usar.

Ele pega a minha saia e a pendura em um gancho na parede. — Sobe.

Apoiando minhas mãos na cadeira, levanto minha bunda no couro, com as pernas pendendo sobre a borda. — Vocês todos jantam juntos todas as noites?

— Não. O jantar de ontem a noite foi em sua homenagem. Faremos um jantar no início de cada novo mês para você.

Outra tradição.

Mas estou feliz por não ter que enfrentá-los todos os dias.

A porta se abre atrás de mim, enviando uma sensação de medo pelas minhas costas. Ela me coça do alto da cabeça até

as solas dos pés, e minha pele fica arrepiada. Liam se senta à minha esquerda. Inclino a cabeça e, pelo canto do olho, eu vejo os membros da Irmandade entrando e se sentando nas cadeiras ao meu redor.

Quando levanto os olhos, encontro Sebastian olhando de volta. Seus olhos são do tom mais alarmante de azul que eu já vi - um azul brilhante. Ele é descarado na maneira como está me observando.

Pressiono minhas coxas nuas, agarrando-me ao meu último fio de pudor.

Porque não há como escapar do controle dele. Minha pele cora, afugentando o frio nos meus ossos.

Em seguida, dou um olhar para Liam, mas sua atenção se concentra em Sebastian, olhos escuros e punhais - um coquetel de raiva ciumenta. A cadeira à esquerda de Sebastian permanece vazia. Em vez disso, o médico - da casa de Câncer - para na minha frente sem introdução.

— Deite-se. – ele ordena.

Faço o que ele mandou, encaixando os meus pés nos estribos que ele puxa e um sopro de ar acaricia minha parte interna das coxas, provocando um arrepio violento. Impulsionado pela modéstia e instinto, uno meus joelhos.

— Joelhos separados. Não posso examiná-la de outra maneira.

Hesito por muito tempo, e ele os abre, colocando-me em exibição por metade da sala. Olho para o teto enquanto a vergonha arde minha garganta. Ninguém nunca me olhou lá embaixo, muito menos me tocou.

Nem mesmo o médico de família.

Nem mesmo Liam quando ele pressionou a mão sobre a minha durante o café da manhã.

— Teresa, venha aqui, amor. - o médico ordena para uma empregada em pé na minha periferia. — A Rainha poderia usar sua mão?

— Sim, mestre Vance.

Eu mantenho meu olhar concentrado no teto enquanto passos correm para o meu lado. Uma mão quente envolve a minha, com os dedos apertando em apoio silencioso.

— Isso não vai demorar muito. – diz Vance enquanto se acomoda entre meus joelhos. No primeiro toque de seus dedos espalhando meus lábios inferiores, eu ranjo os dentes. Teresa dá um aperto na minha mão, sentindo o meu desconforto, e acho que nós duas prendemos a respiração enquanto o médico gentilmente empurra um dedo dentro de mim.

Eu gostaria de ter um relógio para ver os ponteiros, contando cada segundo excruciante, ou até mesmo um pontinho no teto para focar quando Vance viola meu interior. Mas não há como escapar disso. Mordo o lábio enquanto meus pés tremem com os estribos. O homem é médico e sei

que as mulheres passam por isso todos os dias, mas, considerando as circunstâncias, me sinto totalmente violada.

Eu não pedi isso. Eu nem sequer dei minha permissão.

— Está quaser terminando. – diz Teresa.

Minha cabeça move para o lado e, espontaneamente, encontro Sebastian. Sua mandíbula é uma linha sem fim de barba por fazer e de força e sensualidade. Mas aqueles olhos azuis...

Eles queimam através de mim. Ou talvez, estejam queimando por mim.

Quando olhamos fixamente, suas narinas se abrem. Um tique nervoso aparece em sua mandíbula. Eu gostaria de ter um decodificador para esse homem - esse homem silencioso, cujo olhar de alguma forma me diz mais do que palavras poderiam revelar.

Há mais nele do que desdém e raiva.

Ele. Me. Quer.

A percepção é tocada pelo ar elevado entre nós, e o feitiço não é quebrado até que Vance termine o exame.

— O hímen está totalmente intacto. – ele empurra a cadeira, com as rodas rolando pelo mármore brilhante enquanto acena com a mão na direção de Liam. — Chanceler, a palavra é sua.

Teresa solta minha mão e desaparece na periferia, sua posição junto à porta se torna a de uma espectadora discreta.

Eu respiro fundo e seguro enquanto Liam se instala entre minhas coxas. Mantendo o olhar desviado, ele insere um dedo em mim e é a primeira vez que ele me toca assim. Eu desprezo que ele esteja fazendo isso sob a atenção vigilante de onze outros homens.

Seu rosto está esculpido em granito e sinto o controle que ele está tendo.

Sem cerimônia, ele tira a mão e recua antes de gesticular para Heath ir em seguida. — Continue.

Heath mal me toca. Ele não me oferece mais do que um olhar passageiro.

Landon, da Casa de Gêmeos, quebra o gelo primeiro. — Você era jovem todos esses anos atrás, e não vou mentir. Eu era cético, mas você amadureceu, não é mesmo, Novalee? – O tom dele é de conversa. Não é surpreendente para um geminiano, suponho.

— Eu amadureci.

— Você se importa se eu tocar em você?

— Eu tenho uma escolha?

— Você tem um ponto válido, minha Rainha. Eu ainda gostaria da sua permissão.

— Não estou de sã consciência, mas você tem minha cooperação duvidosa.

— Você é uma pequena briguenta irritável, eu vou lhe dizer isso. – diz ele rindo. — Vou ter que aceitar sua palavra e o testemunho de meus irmãos como prova de sua pureza. – ele recupera seu lugar e Sebastian se levanta, o próximo na fila desde que Vance foi o primeiro a testar a minha virgindade durante o exame.

— Você ouviu a Rainha. – diz Sebastian com um sorriso. — A cooperação dela é questionável. Eu a quero contida.

Liam faz uma careta. — Isso não é necessário.

— Eu penso que sim. – Sebastian estala seus dedos para Teresa. — Pegue-me um par de algemas de pulso e tornozelo da masmorra.

Dou um olhar assustado para Liam. — Há uma masmorra?

Ele estremece. — Eu esperava poupar você dessa informação até mais tarde.

— Por que há uma masmorra? – A pergunta grita através da sala.

— Existe para o prazer. – diz Liam.

— Não a mime. – O homem que eu lembro apenas como Libra ri. — A masmorra é principalmente para punição,

então se lembre disso, minha Rainha, para que não fique em minhas mãos.

Estou perto de ter um ataque de pânico quando Teresa volta com um par de algemas de couro. Sebastian não perde tempo, prendendo meus pulsos e tornozelos na cadeira. Ele testa as algemas me prendendo em cativeiro, depois me circula, como fez todos esses anos atrás.

— Se você é a mercadoria, e eu sou um comprador em potencial, acho que uma pequena diligência está em ordem. – ele para na minha cabeça, com seu sorriso provocando a cara feia cada vez mais profunda de Liam.

Quase posso sentir a animosidade entre eles e, de repente, sei que isso não é sobre mim. Esses dois têm problemas não resolvidos e eu sou o peão entre eles.

— Abra sua boca, princesa.

— O que você está fazendo? – Liam murmura.

— Exercendo a devida diligência. Se ela se tornar minha esposa, exigirei muita boquete todas as manhãs.

— Garanto que suas habilidades orais são de primeira qualidade. – diz Liam entre os dentes rangendo.

— Suas garantias significam nada para mim. – Sebastian passa o polegar nos meus lábios. — Abra.

Eu abro, e ele empurra os dedos dentro da minha boca até que os nós dos dedos batem nos meus dentes, me fazendo arder incansavelmente.

— Isso será um ajuste apertado para o meu pau.

Eu mordo seus dedos, e ele os arranca da minha boca. — Parece-me que você está superestimando o tamanho. – digo, olhando para ele.

Alguém ri.

Sebastian não se diverte. — Boa sorte em encontrar uma mulher com essa queixa.

Ele caminha até o final da cadeira e fica entre as minhas pernas abertas. — Sua boceta é tão apertada e pura quanto você afirma?

— Por que você não me viola e descobre. – eu respondo, com o tom pingando de desprezo.

Alguém ri de novo. — Ela tem atitude.

Não sei quem está encontrando diversão às minhas custas, porque eu não desviei os olhos dos de Sebastian. Quando ele chega entre as minhas coxas, pressionando dois dedos contra a forte resistência da minha inocência, seu olhar azul marinho irradia.

Meu peito sobe com um suspiro, e eu mordo meu lábio quando ele pressiona o polegar no meu clitóris. De todas as mãos que invadiram minha inocência hoje, é dele que tira uma reação de mim. Eu pulso em torno de seus dedos, meu

corpo inundando com calor e implorando para que seu toque seja mais profundo.

Romper a barreira da pureza e me reivindicar.

Ele esfrega círculos no meu clitóris latejante, e eu estou horrorizada com o gemido que escapa dos meus lábios.

— Já chega! – A voz de Liam ecoa pela sala.

Eu me assusto com o som, mas Sebastian não reage, a não ser para afastar os dedos e se afastar, fora da vista.

Mas não fora da minha mente.

Eu ouço o baque de seus passos em retirada, seguidos pelo bater de uma porta.

Ele acabou de sair.

Sem uma palavra. Sem um segundo pensamento.

Porque sou irrelevante para ele. Alguém com quem ele gosta de brincar para se destacar do rival. Seu toque me acendeu em chamas, mas ele não sentiu nada.

— Alguém mais precisa continuar com essa farsa? – A voz de Liam reverbera pela sala, com um aviso possessivo para recuarem.

— Não, Chanceler. Acho que já vimos o suficiente. – Landon sai da sala primeiro e, um a um, os outros seguem. Soltei um suspiro de alívio quando a porta se fecha atrás do último membro da Irmandade.

Liam permanece quieto enquanto desata as restrições. Ele entrega minha saia para mim e eu me visto à medida que a tensão entre nós aumenta.

— Você está chateado comigo? – pergunto, desejando poder limpar a umidade entre as minhas pernas.

Limpar as evidências, apagar a memória do toque de Sebastian.

— Por que eu ficaria chateado com você?

O calor atravessa meu rosto e não consigo encontrar seus olhos. — Por causa da minha reação quando Sebastian me tocou.

— Você não pode evitar como o seu corpo responde, Novalee.

— Mas você parece bravo.

— Estou com raiva de mim mesmo. – ele passa a mão pelos cabelos de cobre, interrompendo a perfeição. — Eu não deveria ter permitido que isso acontecesse.

— Você mesmo disse que não pode me proteger.

— Não posso proteger você de meus irmãos, mas posso proteger nós dois de nos envolvermos emocionalmente demais.

— O que você quer dizer?

— O que aconteceu na varanda hoje. – ele faz uma pausa e o ar se espessa com a memória do nosso beijo. — Isso não pode acontecer novamente.

— Você não me quer?

— Nós já vimos isso. Minha atração por você não está em questão. Mas eu não sou o único que quer você.

— Sei o número de homens que querem se casar comigo. Isso não significa que eles me querem.

Eles só querem que uma Rainha cumpra a tradição. Uma conquista.

— Um quer. – ele me pega pelo queixo com um sensível toque. — E pela maneira como você olhou para ele, eu sei que a atração é mútua.

07

Dezesseis dias...

Dezesseis dias agonizantemente longos que de alguma forma passam muito rapidamente. Passo a maioria deles escondidos na cobertura, com medo de encontrar alguém que não seja Liam. Mas eu não posso escapar da ironia, porque Liam está me evitando do jeito que tenho evitado Sebastian.

Nós mal nos vemos, exceto nas refeições. Aquelas que compartilhamos e sem camisolas minúsculas.

E ele não me toca.

Em absoluto.

Eu sei que ele quer.

— Isso é fantástico. – diz Faye, olhando meu esboço improvisado de um vestido de noite. O vestido é sem costas com uma saia de sereia e, embora seja feito em carvão, imagino um azul escuro, como a roupa de cama dos aposentos de Liam.

— Está tudo bem. – pego um lápis e começo outro esboço. — A saia poderia ter mais reflexos.

— Eu acho que está perfeita. – Faye coloca o esboço em cima dos outros. — Elise diria a mesma coisa.

Elise está viajando pela ilha com um pretendente em potencial, e Faye e eu estamos deitadas em dois sofás na sala principal. Apenas porque Liam se trancou em seus aposentos não significa que eu preciso.

E se for honesta comigo mesma, talvez esteja esperando vê-lo desde que uma reunião na sede do Zodiac o deteve durante toda a manhã. Ele está no escritório desde que voltou, agarrando-se à distância crescente entre nós.

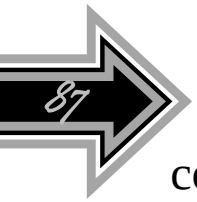
— Você é muito crítica consigo mesma. – diz Faye. — Você pode começar uma linha de roupas com eles.

É um assunto sobre o qual falamos antes. Sem dúvida, surgirá novamente porque Faye é leal e solidária. Ousada e opinativa. Onde me rendo, ela segue em frente, recusando-se a deixar alguém em seu caminho.

Ela quer o mesmo para mim, como uma das minhas damas e uma amiga ao longo da vida.

— Ela está certa. – diz Liam, com sua voz profunda me assustando. Largo o lápis e me viro para encontrá-lo em pé na entrada que leva à sala de jantar formal. Ele caminha até a mesa e pega um desenho. — Você tem um talento natural. Você deveria segui-lo.

— Talvez eu o fizesse se vocês doze não estivessem me compartilhando.



Faye engasga. — Novalee...

Ela não está acostumada a me ouvir desrespeitar alguém com autoridade. Eu também não estou acostumada.

Liam faz uma careta. — Eu preciso ver você nos meus aposentos. – Sem outra palavra, ele se vira e sai.

Eu me levanto. — Continuaremos isso outra hora.

— Ele vai te machucar?

— Não.

— Você tem certeza? – A incerteza reveste seu rosto.

Escondo minha própria apreensão porque não tenho certeza do que esperar de Liam. Vivemos nesta cobertura nas últimas duas semanas trocando uma conversa breve e educada. Mas há mais entre nós - muito mais - e esse conhecimento apenas aumentou.

Agora ele exigiu minha presença em seus aposentos particulares e não sei se estou excitada ou intimidada.

— Está tudo bem, Faye. Você deveria tirar a tarde de folga.

Eu saio antes que ela possa se opor, mas quando chego à porta pesada que bloqueia minha entrada para o lugar onde ele dorme, eu paro meu punho pronto para bater.

Ele vai me bater novamente por minha atitude?

Usar o cinto dessa vez?

Este último faz com que meu estômago doa.

Não estou pronta para descobrir o lado mais severo de Liam.

Eu não tenho escolha Algo tem que acontecer, porque ele não pode me beijar do jeito que me beijou e me ignorar o mês inteiro na minha estadia em sua casa. Eu bato na madeira, com os meus dedos batendo mais forte do que eu pretendia. Ele abre a porta e passo por ele, entrando em seu domínio formidável.

— Você sabe jogar xadrez?

Sua pergunta me pega de surpresa, e eu viro para encará-lo, com os olhos arregalados em descrença. — Xadrez, como no jogo?

Um sorriso surge em seus lábios. — Sim.

— Eu pensei que você me chamou aqui para me punir.

— Ah, eu farei.

— Eu não entendo.

— Responda a pergunta. Você joga?

— Sim. – *Não muito bem, mas eu não divulgo essa informação. Ele já tem vantagem suficiente sobre mim.*

— Vamos? – ele aponta em direção à mesa em frente às portas francesas, onde um jogo de xadrez espera. Enquanto nos sentamos em um assento em frente ao outro, eu o observo, tentando descobrir qual é o seu verdadeiro jogo.

Porque não há como ser o xadrez.

Como eu estou sentada ao lado das peças brancas, faço a primeira jogada movendo um peão para frente dois quadrados. — Sua vez, Chanceler.

Ele traz um peão para frente. — Você está desejando minha mão hoje, não é, minha doce menina?

O pensamento de sua palma quente na minha bunda nua faz coisas estranhas na minha barriga. — Eu não sei do que você está falando. – Movendo um cavalo, finjo inocência.

— Você sabe exatamente do que estou falando. – ele segue minha liderança e seu cavalo move sobre um de seus peões. — Você está ficando tagarela comigo porque está chateada com a distância que eu coloquei entre nós.

— Que intuitivo da sua parte. – eu movo outro peão.

— Você se sente rejeitada.

— Isso não é verdade.

Realmente é verdade, e eu me odeio pela fraqueza. Eu não esperava me sentir assim, mas sinto, e isso está causando caos na minha cabeça. Avançamos vários peões, perdendo baixas ao longo do caminho, e então movo minha rainha, sem prestar atenção à estratégia.

Quando se trata dele, não tenho estratégia.

A torre dele pega a minha rainha.

Ele se recosta no assento, com o queixo apoiado no punho. — Não tenha pressa.

Soltando um suspiro de frustração, peso minhas opções. Eu poderia levar a rainha dele em dois movimentos, mas ele apenas a bloqueou. Os segundos passam enquanto observo o tabuleiro, procurando um curso de ação para vitória que ainda não encontrei.

Sua paciência é interminável. Ele se senta nessa cadeira como se fosse o dono - porque é o que faz, e ele é o dono de mim neste jogo. Quando estou prestes a mover meu bispo, ele quebra o silêncio.

— Se você vencer, eu farei você gozar.

Sua promessa formiga através dos meus membros, provocando excitação nas minhas veias e inundando um líquido quente no ápice das minhas coxas. Eu levanto meu olhar para o dele, surpresa com o desejo naqueles olhos castanhos sensuais.

— Você está tentando me distrair?

Ele encolhe os ombros. — Apenas dando incentivo.

A promessa de suas mãos em mim é uma motivação suficiente... se eu pensasse que poderia ganhar.

Mas não vou, e ele sabe disso.

— Você está me provocando, Chanceler.

Sua boca se contorce com a falha proposital. — Eu ganho de você em dois movimentos.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Eu sei jogar o jogo, Novalee.

Ele com certeza sabe. Ele me trouxe aqui para balançar a fruta proibida na minha frente, apenas para arrancá-la do alcance. Eu movo meu cavalo dois quadrados para frente e um para a direita, e como ele prometeu, ele me coloca em xeque.

Só existe um lugar para o meu rei ir.

E depois da minha vez, o jogo acaba, porque ele me encurralou.

— Esta é a sua ideia de punição? – eu levo o meu rei à rendição inevitável. — Me vendo perder?

— Ainda não chegamos ao seu castigo. – Liam move sua rainha para a posição. — Xeque mate. – Seus olhos encontram os meus, cheios de calor. Eu não consigo respirar, dominada pelo silêncio sedutor entre nós.

— Você ganhou. – digo com uma forte aceitação.

— Ganhei. – ele se levanta, com o flagrante desejo em seu rosto, e estende a mão.

Coloco a minha palma na dele, com o meu corpo formigando pela antecipação. Estou nervosa e assustada ao mesmo tempo. Hoje ele não está tão arrumado, com o cabelo

desarrumado e as abotoaduras removidas, as mangas foram empurradas para o cotovelo. Ele me leva até os três degraus curtos até a cama e ordena que me debruce. Enquanto me debruço no edredom, estou ciente de que é onde ele dorme.

Sozinho.

Provavelmente nu.

Ele dá prazer a si mesmo entre esses lençóis?

Ele pensa em mim quando o faz?

— Abra suas pernas.

Com os batimentos cardíacos fazendo o dobro, separo minhas coxas. Ele levanta a parte de trás da minha saia e eu o ouço respirar fundo.

Porque eu não estou usando calcinha.

— Jesus, Novalee.

Eu quero que ele me toque. Seriamente. Obsessivamente. É tudo em que penso nos últimos dezesseis dias, enquanto ele se afasta de mim.

Protegendo nós dois, ele afirma.

— Por favor. – eu sussurro, arqueando minha coluna.

Ele estende a mão onde minhas nádegas se encontram, com as pontas dos dedos perto de onde eu os quero.

Tão perto.

Mas ele não se move. Sua palma quente e pesada permanece na minha bunda, apenas uma provocação. Uma promessa. Meu batimento cardíaco dispara em meus ouvidos, aumentando uma... duas... três vezes.

Então ele dá um tapa na minha bunda.

Não há gemido ou grito de dor. Apenas um gemido de necessidade quando a palma da mão se conecta com a minha pele novamente, suavemente e com propósito, aqueles dedos provocando perto do local que dói por ele.

Estou pegando fogo, virando cinzas por esse homem.

— Por favor. – digo novamente enquanto meus membros tremem.

— Pelo que você está implorando?

Tudo.

Não consigo verbalizar o que quero, incapaz de formar as palavras. Porque elas são um apelo estranho na minha língua.

Eu quero gozar.

Ele me bate novamente, com os dedos acariciando a umidade entre as minhas pernas.

Ele sabe o que eu quero e está brincando comigo.

Eu preciso gozar

Isso está aumentando dentro de mim, tão forte quanto um tsunami. Enorme tanto quanto o mar.

— É isso que você quer, minha doce menina? – Seus dedos movem, deslizando através da minha umidade, e ele os mantém lá enquanto eu me contorço.

— Mais. – eu gemo.

Seu polegar empurra contra o meu ânus, adicionando pressão suficiente para me fazer ficar quieta. Ele está me controlando, se recusando a me dar mais. Seu torso cobre minhas costas e ele puxa minha cabeça pelos cabelos.

— Com que rapidez você esquece. Você perdeu o jogo.

— Por favor. – eu gemo, incapaz de respirar fundo.

Não do jeito que meu coração dispara.

Não enquanto seus dedos pressionam contra o meu clitóris, imóveis. Com uma provocação implacável.

Sufoco o nome dele, e ele estremece, com a respiração quente e rouca no meu pescoço.

— Você não sabe o nível de controle no qual estou me agarrando agora. – Lentamente, o polegar dele invade minhas costas, ardendo... Queimando...

Eu gemo novamente, desta vez de dor.

— Você é mais sexy do que qualquer mulher com quem estive. Totalmente inocente e muito sensível. Eu sei como é sua boca, Novalee. – Seu polegar ganha mais um centímetro,

e gemo de agonia. — Meu pau está morrendo de vontade de saber como é isso também.

— Pare!

Imediatamente, ele se afasta. Por vários minutos, eu me apoio contra a cama, com o peito arfando, aterrorizada com o que ele implicava quando seu polegar violou minha bunda.

Passos ecoam pelo quarto. Uma cadeira arrasta no chão. Eu levanto do colchão e o encaro.

— Alguns dos meus irmãos não param. – A escuridão encobre seu olhar, acompanhada por um vinco de raiva entre as sobrancelhas. — Eles vão usar sua bunda e não há nada que eu possa fazer para detê-los, Novalee.

Sua declaração me abalou profundamente, falada com uma verdade dura e um pouco de frustração desamparada, e eu quase desmoronei. — Eu não quero deixar você.

Abandonando sua cadeira e a distância entre nós, ele enquadra meu rosto em suas mãos quentes. — Mas você deve. Nosso tempo juntos está diminuindo rapidamente. Eu preciso que você se comporte. Heath não vai tolerar suas atitudes.

— Vou tentar.

— Você fará mais do que tentar. – A voz dele engrossa e aprofunda com um aviso.

— Porque na próxima vez que você falar comigo com tanto desrespeito, não vou deixar você com uma boceta latejante - vou deixar vergões na sua bunda. Está claro?

Lágrimas ardem nos meus olhos, e eu as pisco de volta. — Sim, sim.

— Você pode voltar para seus aposentos. Você deve ficar lá até o jantar.

08

A ameaça de Liam aparece na minha cabeça em um ciclo estressante. Suas palavras duras me atingiram o coração, provocando uma melancolia inevitável que só é exacerbada pela chuva. Eu tento escapar da minha realidade iminente visitando minhas boutiques na parte principal da ilha com minhas damas.

A coisa sobre a realidade? Isso raramente é evitável.

Assim como a chuva está atacando em um aguaceiro torrencial. A precipitação implacável tem sido um incômodo constante há dias. Voltamos à torre encharcadas e com tudo comprado. O guarda-costas que Liam insistiu - um homem estoico com braços musculosos e um pescoço grosso - abre a porta da entrada principal, e minhas damas e eu entramos, pingando água da chuva por toda parte.

— Hoje não foi o melhor dia para um passeio. – diz Faye, deixando as sacolas que ela está segurando caírem.

— É um dia tão bom quanto qualquer outro. – Elise coloca o resto de nossa carga no chão. — Jerome diz que chove pelo menos 250 dias do ano aqui.

Jerome é o rico empresário que corteja Elise nas últimas semanas.

Faye revira os olhos. — Jerome isso e Jerome aquilo.

Elise faz uma careta rara para ela. — Você não precisa ser mesquinha com isso.

— Desculpe. – diz Faye, envergonhada. — Vou tentar controlar isso.

Selma aparece da cozinha. — O chanceler gostaria de vê-la na biblioteca. – ela me diz, enquanto entrega as toalhas para nós três.

— Você sabe por que ele pediu para me ver?

— Não é um pedido. Não sei os motivos dele.

Seco o meu cabelo, afagando a combinação de fios e tranças, e um formigamento de excitação cautelosa passa através de mim. Desde o nosso jogo de xadrez, as coisas ficaram mais tensas, repletas de inegável tensão sexual. Ele não me procurou.

Até agora.

Eu me separo de minhas damas e faço a viagem pelo longo corredor. Meu vestido gruda na minha pele pela chuva, mas desisto de uma viagem à cobertura para me trocar primeiro, ansiosa demais para ver Liam. Ao passar pelos retratos dos ancestrais da Irmandade, o retrato de Evangeline Castle chama minha atenção. *Como deve ter sido estar em sua posição, trancada e usada por doze homens? Ela chegou a amar algum deles?*

Um?

Dois?

Três ou mais?

Não consigo me apaixonar por dois homens, mas não posso negar que estou atraída por Liam e Sebastian.

O último não faz sentido.

Viro por outro corredor, e é aí que percebo que fiz uma curva errada.

Como se meus pensamentos conjurassem sua presença, o timbre áspero de Sebastian entra no corredor a partir de uma porta entreaberta à esquerda.

— Porra que lindo, Mona.

Uma voz feminina murmura algo em resposta, palavras indiscerníveis, e eu diminuo meus passos, atraídos para o que está além daquela porta. Todos os ossos do meu corpo me pedem para continuar, para não olhar para aquele lugar e colocar os olhos nele. Não lhe dar outra oportunidade de desencadear sua crueldade comigo.

Aparentemente, eu devo adorar ser punida. Prendendo a respiração, espio pela fenda do batente da porta, e a visão depravada diante dos meus olhos me atinge como ar nos meus pulmões. A respiração me escapa em um sopro silencioso.

Uma mulher está deitada em um sofá, com as suas profundas madeixas cor de vinho fluindo sobre os seios nus e macios. É a pose que me deixa em transe. Suas pernas estão encolhidas e abertas, com os lábios depilados de sua feminilidade em exibição orgulhosa. Ela não tem vergonha ou pudor, e algo sobre sua confiança me atrai.

Sebastian está de costas para mim enquanto ele transfere a semelhança dela para a tela, e não posso deixar de observar a amplitude de seus ombros ou a maneira como seus cabelos loiros escuros estão despenteados.

Ele é o oposto polar de Liam.

Descarado onde o Chanceler é reservado.

Despreocupado em vez de controlado.

Sexy desenfreado em comparação com os looks escuros mais clássicos de Liam.

Os jeans baixos de Sebastian roubam a minha atenção quando o seu pincel atinge a tela com traços confiantes. O homem pinta tão bem quanto ele enche um jeans.

— Alguém está olhando. – diz a mulher, e quando volto minha atenção para ela, encontro seus profundos olhos castanhos em mim. Ela aponta na minha direção, e Sebastian se vira antes que eu possa entrar no corredor.

No instante em que seus olhos azuis encontram os meus, fico paralisada, pega em flagrante, com as bochechas coradas de vergonha. Uma vida inteira parece passar diante

de nossos olhares. Meu pulso acelera. As sobrancelhas dele se estreitam. Eu passo a ponta da minha língua ao longo da curva da minha boca e, quando a atenção dele fica nos meus lábios, não posso deixar de enfiar o inferior entre os dentes.

Ele franze a testa, pousa o pincel, e é aí que eu me ponho em movimento, correndo pelo corredor o mais rápido que minhas pernas nervosas me carregam.

Mas passos me perseguem, acompanhados por respirações profundas e fortes. Uma mão grande e quente aperta o meu bíceps e me puxa para parar. Eu me viro lentamente, com cada batida tortuosa do meu coração soando nos meus ouvidos enquanto encaro a acusação em seu olhar brilhante.

— Você conseguiu uma boa visão?

— Eu... eu não quis...

— Não quis me espionar? – ele interrompe, invadindo meu espaço pessoal. Ele não é tão alto quanto Liam, mas a sua presença é arrogante o suficiente. Enquanto eu tento me soltar, seus dedos cravam no meu braço, tornando a fuga impossível.

— Eu não estava espionando.

— Liam sabe que você está aqui em baixo?

— Sim. – Embora eu tenha certeza de que o Chanceler não ficaria feliz em nos encontrar em nossa posição atual –

com sua mão segurando meu bíceps enquanto meu peito se empurra contra seu peito.

O franzido entre as sobrancelhas de Sebastian se aprofunda. — Estou surpreso que ele tenha deixado seu bichinho de estimação livre.

— Ele solicitou minha presença na biblioteca.

— Esta ala está fora dos limites para você. Está reservada para o meu estúdio público.

— Eu sinto muito. Eu não sabia.

— Bem, agora você sabe.

— Isso não vai acontecer novamente.

— Garanta que não. – ele solta meu braço e sinto falta do calor do seu toque, o que é uma loucura, porque ele me tratou com nada além de desdém toda vez que cruzamos o caminho.

Mas não posso negar que estou viva com a intensidade em seu olhar, a seriedade de sua testa, a maneira como ele está apertando aquelas mãos grandes. Eu as imagino segurando as minhas coxas e coro ainda mais quente.

O que há de errado comigo?

Não é como se eu ficasse tão sem palavras na companhia de um homem.

Mas talvez esse seja o problema - Sebastian não é um homem comum parado na minha frente. Ele é cem por cento

alfa com uma reivindicação jurídica e vinculativa da minha vida.

Ele é o tipo de homem que pinta mulheres nuas por diversão.

E em quatro meses, ele terá domínio total sobre o meu corpo.

Um arrepio passa através de mim, carregado de excitação com o pensamento indesejável. Como se ele sentisse minha reação à sua proximidade, ele dá um passo à frente novamente, ocupando meu espaço pessoal. Polegada por polegada, ele me empurra contra a parede. Minha coluna bate na pedra fria, e eu suspiro quando algo duro pressiona minha coxa.

Sebastian ostenta uma ereção, e embora ele estivesse pintando uma atraente mulher nua não faz cinco minutos, estou certa de que o tesão dele é por mim.

— Você pode se tornar útil desde que interrompeu minha sessão. – diz ele, com um murmúrio sexy enquanto pega minhas mechas loiras entre os dedos.

— O que você quer dizer?

— Forneça-me um pouco de inspiração. – Seu corpo é duro contra o meu, tentando minhas curvas suaves a moldar para o contorno de seus músculos e a superfície de seus abdominais.

Olho para os lábios dele. — Não vou tirar minhas roupas para você.

— Você poderia usar seu cabelo. É incrível.

O elogio é inesperado, e eu gaguejo um obrigada.

— Eu queria pintar você desde o primeiro momento em que a vi.

Eu pisco, e naquele milímetro de segundo, imagino-me aberta na frente dele como a mulher que ele deixou na outra sala. Sem roupas, pernas abertas ao seu olhar enquanto ele captura como me vê na tela com movimentos ousados e seguros.

Sem exames ou hostilidade.

Nenhum outro homem.

Mas ele me veria como menina ou mulher? Algo me diz que ele me veria como a última.

— Você está pensando sobre isso, não é? Você abriria suas pernas e me deixaria pintar sua boceta, princesa? – Seus olhos estão iluminados com curiosidade divertida, mas a vulgaridade de suas palavras acende o oposto em mim.

— Deixe-me ir. – exijo, empurrando-me contra o seu peito.

A diversão desaparece de sua expressão, e ele se separa de mim no espaço de um segundo.

Como se eu o queimasse.

— Perdoe-me. – diz ele. — Por um momento, pensei que seus seios totalmente formados significavam que você cresceu fora da Rainha que conheci há seis anos.

A indignação toma conta de mim. A última coisa que quero é que ele me veja como uma criança. — Tenho dezoito anos agora.

— Como eu disse. Uma criança.

Resisto ao desejo de bater os pés e discutir com ele, pois tenho certeza de que esse tipo de comportamento só provará o que ele disse. — Você é insuportável. Por que você tem que ser tão idiota?

Com um suspiro, ele dá outro passo para longe de mim. — Está no meu DNA, princesa. Você é inocente demais para ver o que é.

— Lembrarei gentilmente que sou uma Rainha.

Seus lábios se contraem com diversão renovada. — Nenhum lembrete é necessário. Tenho muita pressão da minha família para garantir um casamento com você.

— Você não parece feliz com isso.

— Eu aceitei.

— Eu não sou o que você esperava?

Seu olhar viaja ao longo do meu corpo, me aquecendo novamente. — Não, minha *Rainha*. Esperava uma certinha e

adequada, e menos atraente do que uma freira. O que você é, é a inocência envolta no corpo de uma estrela pornô.

Ranjo os dentes. Cair na sua armadilha só aumentará a tensão entre nós, porque Sebastian é fogo e paixão envoltos em um homem incrivelmente lindo e instável. Um movimento chama minha atenção, e um olhar sobre o ombro dele revela seu lindo assunto parado na porta do estúdio, com o corpo dela envolto em um lençol de cetim preto.

— Você vai voltar, Sebastian?

A própria essência dela é pecaminosa e eu nunca invejei outra mulher até agora. Sua atenção muda, e quando sigo a direção de seu olhar, encontro Liam parado nas sombras do corredor, com os braços cruzados e calado em um sinistro desagrado.

09

O jantar é insuportável. Tenso e silencioso - apenas o barulho de talheres na porcelana quebra a inquietação. Ele disse que não está chateado comigo.

Sebastian é o alvo de sua raiva.

Mas, no fundo, não acredito nele.

— Por que você quis me ver na biblioteca hoje?

Pela primeira vez desde que nos sentamos à mesa, seus olhos se levantam para encontrar os meus. — Heath precisa encaixar você em sua coroa.

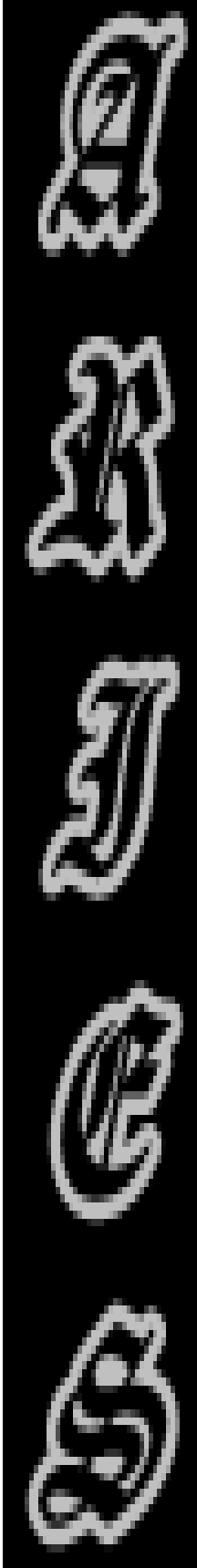
Eu pisco. — Que coroa?

— É um presente de Heath para você. Haverá uma coroação após o leilão.

Suas palavras são um lembrete duro e doloroso de que meus dias com ele estão contados.

— Remarquei o encontro. Ele virá para a cobertura amanhã. – ele me dá um olhar significativo. — Você precisa estar no seu melhor comportamento.

— Ok. – eu volto a empurrar o canelone em volta do meu prato.



Os segundos que se seguem corroem minha compostura e bato meu sapato de salto alto no chão. A comida não tem sabor, pois desliza pela minha garganta.

— Eu não suporto o pensamento deles tocando você.

Assustada com sua confissão, eu levanto meu olhar para ele. — Eu também não suporto.

Com exceção de um.

O tique nervoso na mandíbula de Liam me diz que ele também sabe.

— Você está atraída por ele. – isso não é uma pergunta, mas um fato que esboça ciúmes em seu rosto.

— Prefiro estar aqui com você do que com qualquer outra pessoa.

— Só diz isso porque meus irmãos são um território desconhecido para você. Você tem medo do desconhecido.

Provavelmente é verdade, mas não há como negar minha atração por Liam ou a conexão que sinto com ele. Ela está lá desde o começo.

Mais silêncio se espalha entre nós.

Pesado com o que dissemos.

E o que não dissemos. — Amanhã é meu aniversário. – Seu anúncio quebra a tensão crescente, oferecendo uma bem-vinda mudança de assunto.

— Quantos anos você fará?

— Vinte e quatro.

— Você tem planos para comemorar?

— Todos eles envolvem você e muitas coisas que não devemos fazer.

— Por que não deveríamos? – pergunto, mal respirando.

— Eu não sou um homem paciente, Novalee. Você sairá de minha casa em alguns dias e não poderei tocar em você pelos próximos onze meses.

— Mas você é o Chanceler.

— Sim, minha palavra detém a maior autoridade em decisões políticas e de negócios, mas o contrato da Irmandade a seu respeito está fora do alcance disso. Minha única vantagem é ter você primeiro.

Mordo o lábio, com medo de expressar minha próxima pergunta. — O que acontece se você... me tocar... quando estou sob a autoridade de outra pessoa?

— Tocando você sem permissão? – ele passa os dedos pelos cabelos. — Punição corporal, pelo menos...

— E no máximo?

— Meu direito de licitar no leilão pode ser revogado.

Gemma

James

Minha mente vai para ontem quando o Sebastian me colocou contra a parede. — É por isso que você está furioso com Sebastian? Porque ele me tocou?

— Ele cruzou uma linha, mas não se envolveu em um ato sexual com você. – ele faz uma pausa, batendo na mesa os dedos em sua irritação. — Isso sou eu mostrando minha propensão ao ciúme.

Gosto que ele esteja com ciúmes. É uma coisa vergonhosa admitir, até para mim mesma.

— O que constitui um ato sexual?

— Jesus. – ele murmura, soltando um suspiro. — Tocando seus seios ou outras áreas íntimas, beijando, usando você por prazer... – ele levanta os olhos para o teto como se estivesse rezando por coragem. — Sexo puro.

— Liam. – A suavidade de seu nome nos meus lábios traz seu foco de volta para mim, e sinto meu rosto ficar vermelho de calor. — Quero essas coisas com você. – É uma confissão descarada - que não acredito que coloquei em palavras.

— Se eu tocar em você... realmente tocar em você... eu não sei como vou manter minhas mãos para mim até o leilão.

O jantar é esquecido entre nós na mesa, frio e sem gosto. A única coisa que quero provar é ele. Eu puxo a memória do seu pau na minha boca, e a dor resultante é tão intensa que eu aperto minhas coxas.

— O que está passando pela sua cabeça? – ele pergunta como se sentisse a direção dos meus pensamentos.

— Aquele primeiro dia na biblioteca, quando eu estava de joelhos... – eu faço uma pausa, hesitante em continuar. — Eu estava pensando em como queria fazer aquilo de novo.

Murmurando um palavrão, ele se levanta. — Você não pode deixar de me tentar. – ele pega nossos pratos e se dirige para a cozinha onde Selma espera, fora do alcance das vozes para nos dar privacidade. — Tenho trabalho a terminar antes de dormir. Você deveria dormir um pouco também.

Essa é a última vez que o vejo a noite toda. Tomo um banho com o mais recente romance de fantasia em que estou envolvida, mas nem mesmo ler sobre dragões e maldições distrai minha mente de Liam Castle.

Estou tentada a deslizar a mão entre as pernas para encontrar alívio, mas não o faço.

Porque ele proibiu.

E eu quero isso primeiro com ele.

Quero que ele aceite, para que os outros não.

Também quero que ele vença o leilão, para que os outros não tenham chance de roubar minha virgindade.

Dormir não é fácil. Eu me mexo e remexo por horas, destruída por imagens de doze pares de mãos me tocando, me punindo, me usando para o seu prazer.

A realidade é assustadora, as imagens na minha cabeça são irrevogáveis. Estou certa de que ficarei acordada a noite toda atormentada por dever e destino...

Até a cama mover, e percebo que cochilei. No começo, acho que estou presa entre aquele momento estranho entre sono profundo e a variedade mais inquieta e parcialmente alerta. O tipo de sono em que você se mexe e parece que alguém está sentado na cama. É uma sensação estranha sentir um peso fantasma quando você sabe que está sozinha.

Exceto... que eu não estou sozinha.

Com um suspiro, eu me levanto, e uma mão firme me coloca deitada no colchão novamente.

— Você sabe que horas são? – A voz de Liam paira apenas centímetros de distância na escuridão, com o seu tom infundido com o toque lascivo que desejo.

Engulo em seco, pega de surpresa. — No meio da noite?

— Já passou da meia-noite.

Sua fala acabou, mais lenta que o normal e sem inibição. Se eu não pudesse perceber pelos maneirismos dele, a especiaria do uísque no ar já é suficiente.

— Você está bêbado?

— Eu nunca bebo em excesso. Estou apenas armado com a quantidade certa de uísque comemorativo.

— O que você está comemorando?

— Meu aniversário.

Meu olhar vai para a mesa de cabeceira e o brilho verde dos números no relógio lá. Já passou da meia noite.

Eu distingo o contorno de seu rosto nos meus aposentos escuros. — Feliz aniversário, Chanceler.

A cama move novamente quando ele se senta sobre os meus quadris, e então suas mãos estão no meu peito, as juntas dos dedos acariciando minhas costelas enquanto ele rasga minha camiseta do pijama do peito ao umbigo. Botões voam. Ele me levanta por tempo suficiente para remover a camiseta arruinada, e meus mamilos atingem o pico como se estivesse esperando o calor do seu olhar.

O calor da sua boca.

A dor pelos seus dedos.

Suas mãos flutuam sobre os botões sensíveis, e eu não posso deixar de arquear suas mãos quentes.

— Você se tocou sem a minha permissão, Novalee?

Gemo um *"não"*, com meu corpo implorando por mais. Implorando pelo que ele se recusou a me dar.

— Se eu fizer você gozar, quero algo de você em troca. Considere isso um pedido de aniversário.

— Qualquer coisa.

— Nos próximos onze meses depois que você sair de minha casa, eu quero sua palavra de que você não se tocará quando estiver sozinha.

— E se eu tiver que me tocar?

— Isso está fora de nosso controle. Mas o que você faz quando está sozinha... – ele se apoia em cima de mim e abaixa a cabeça com a boca acariciando na minha orelha. — Isso é com você, e eu quero que você me prometa que seus dedos não entrarão em contato com sua linda boceta.

— Você vai me fazer gozar?

— A noite toda, minha doce menina.

Estremeço no círculo de seus braços. — E se eu estiver pensando em você quando me tocar?

— Essas são palavras de lema. – ele geme, e então sua boca cobre a minha, o peso de seu corpo nos pressionando contra o colchão enquanto ele saqueia minha boca. Enfiei meus dedos em seus cabelos grossos, puxando os fios enquanto envolvo minhas pernas em torno de sua cintura. A posição nos une de maneira explosiva, sua dureza contra a minha suavidade.

Afastando-se com um gemido doloroso, ele rasteja até o final da cama e agarra meus tornozelos. A próxima coisa que sei é que estou deslizando no colchão. Ele me levanta por cima do ombro e me carrega dos meus aposentos para o dele.

A porta mal faz barulho, pois nos afasta, sozinhos, no único lugar que não tenho permissão.

O lugar onde ele dorme.

O lugar que ele jurou que não me teria até depois de nos casarmos.

Ele empurra a calça do pijama pelas pernas e tira a roupa. Paraliso, olhando seu glorioso corpo nu. Guiada pelo luar, eu o vejo, a definição de seus bíceps para a construção muscular de suas coxas.

E tudo no meio.

Com respirações superficiais e imperceptíveis, eu passo minha língua nos meus lábios para umedecê-los. Suas narinas se abrem e um gemido baixo emana da sua garganta. Ele está no seu estado mais básico, cru, animalesco e lutando para se controlar.

— Se não fosse o contrato. – diz ele, apertando as mãos ao lado do seu corpo. — Eu faria você sangrar por mim. Só por mim, Novalee. Mas existe um contrato, e nós dois estamos vinculados por ele.

Ele dá um passo mais perto, consumindo os centímetros entre nós, e a especiaria de sua colônia infunde meu nariz. Sua respiração alta enche meus ouvidos. Viro meu pescoço para encontrar seus olhos.

— Eu sou sua... Como você me quiser.

— Eu quero você nua.

Ele emite a demanda com paciência de fala mansa, mas sinto a urgência nele enquanto tiro a última roupa. É a mesma necessidade desesperada correndo pelas minhas veias, aquecendo meu sangue a ferver. Assim que estamos ambos sem roupas ou vergonha - sem reservas ou dúvidas – ajoelho-me e coloco a minha boca nele. Eu não penso nisso. Não questiono.

Tudo o que sei é que desejei prová-lo novamente.

Seus dedos pegam meu cabelo e, em vez de me puxar para mais perto, ele me afasta. — Ainda não.

— Por que não?

— Eu quero ver você vir primeiro. – ele me puxa em seus braços e me carrega até a plataforma para sua cama. — Você confia em mim?

Minha resposta é imediata. — Sim.

Ele me coloca no limite, e eu apoio minhas mãos atrás de mim, com o meu foco colado a cada movimento dele. De pé entre as minhas coxas, ele envolve a mão em torno de seu pau. A visão dele, lançada em silhueta desde a noite, evoca a semelhança de Adônis, o deus da beleza e do desejo.

Porque ele está cheio de ambos e o detentor da sedução enquanto esfrega a cabeça do seu pau entre minhas dobras, espalhando minha umidade.

O troféu dele.

— Liam. – gemo enquanto a minha força foge, me deixando tremendo e incapaz de me apoiar em meus braços. Caio no colchão e agarro a roupa de cama. Minha pele fica quente.

Muito quente.

Estou prestes a entrar em combustão.

— O que você esta fazendo comigo?

— Estou mantendo seu corpo puro. Sua cabeça e seu coração são outra questão.

Com uma mão, ele se apoia em cima de mim e inclina a boca sobre a minha. O atrito glorioso entre nós se intensifica. Suor e luxúria encharcam minha pele, e mal consigo formar um pensamento. Tudo o que posso fazer é gemer seu nome em seus lábios, uma e outra vez, enquanto a cabeça de seu pau me esfrega à loucura.

— Liam! – Arqueando as costas, eu seguro o cobertor e minha parte superior do corpo se levanta do colchão. Tudo abaixo da cintura pertence a ele.

— É isso aí. – ele geme. — Goze no meu pau. Vamos lá, minha doce menina.

Ele não para o atrito até que a última sensação intensa me liberte. Eu estou flutuando em uma nuvem etérea de

percepção quando ele me puxa pelos meus braços parecidos como um macarrão.

— Abaixa. – ele diz com um aceno de cabeça no chão.

Muito destruída para ficar de pé de qualquer forma, eu deslizo para o chão de joelhos, e ele empurra na minha boca em espera. O gosto combinado de nós é um tabu na minha língua. Estou delirando quando ele se esforça para gozar, pressionando a parte de trás da minha cabeça na lateral do colchão. Coloco minhas mãos em suas coxas, com as unhas cravando sua pele.

Porque estou presa, prensada entre o colchão e a necessidade furiosa de enfiar seu pau na minha garganta.

— Porra. – ele engasga, seguido por outra série de palavrões que saem de seus lábios. Um arrepio agarra seus músculos, com as coxas ficando tensas sob minhas mãos.

Então ele se rende, com o seu aperto no meu cabelo uma queimação dolorosa enquanto ele atira sua semente na minha garganta.

E nunca pensei em testemunhar o dia em que Liam Castle gemeria o meu nome.

10

Corpos nus. Lençóis de cetim. Uma decadente sensação de satisfação quando abro meus olhos e encontro seu olhar em mim. Estico, deslizando minha perna entre as dele. — Que horas são?

— Quase hora do almoço.

Não estou surpresa desde que ficamos acordados até altas horas da manhã, descobrindo os corpos um do outro. Agora eu sei que morder seu lóbulo da orelha o deixa duro. Passar a mão pelo abdômen até o umbigo faz sua respiração vacilar. Arrastar um dedo ao longo do comprimento de seu pau faz com que ele se contraia.

Colocá-lo na minha boca o faz perder a cabeça.

Eu o fiz perder a cabeça mais de uma vez.

Ele descobriu coisas sobre mim também. Coisas que eu não sabia. Como quando ele traçou minha aréola, e ela fez cócegas em vez de excitar. Ou como a antecipação sacudiu meus ossos quando ele arrastou a língua para cima da minha coxa.

Quão macio e sedoso seu cabelo estava em meus dedos enquanto eu o agarrava entre minhas pernas.

Como eu pulsava em sua língua pelo que pareceu uma eternidade.

Foi uma noite mágica - que eu gostaria que nunca tivesse terminado - porque o tic tac fraco do relógio é um lembrete constante de que o tempo não diminui o ritmo para nada.

Virando de costas, Liam me pressiona no colchão. — Como eu vou deixar você ir?

— Não me deixe ir.

— Você sabe que não tenho escolha.

— Eu vou te ver... depois que eu ir? – Meu dedo traça um caminho sobre a curva do ombro dele.

— Vou garantir que você veja. – Uma sombra escurece suas feições. — Mas teremos que manter nossas mãos para nós mesmos. Definitivamente, não podemos fazer isso. – ele pressiona seus lábios quentes nos meus, com a língua procurando entrada, e eu suspiro em seu beijo.

Como eu vou fazer nesses onze meses? Isso parece uma eternidade.

Liam interrompe o beijo, e faço a pergunta que mais machuca o meu coração.

— E se você não ganhar? – eu não consigo pensar nos possíveis resultados. *Todos os doze deles.*

Como pode ser alguém além dele?

— Eu não quero que você se preocupe com isso agora. – ele me segura pelo queixo. — Muita coisa pode acontecer entre agora e depois. Você pode se apaixonar por alguém que não sou eu.

Um olhar azul desdenhoso invade a minha mente, rejeitado e indesejável.

— Você é aquele que eu quero.

— Eu sou o único com quem você se sente confortável. Você não teve a chance de conhecer meus irmãos.

Eu estreito meus olhos. — Você está pensando melhor em ganhar o leilão?

— Não. – Seu polegar toca no meu lábio inferior. — Mas se eu não sou quem você quer quando o leilão chegar, eu não competirei para vencer.

— Não valho a pena lutar por isso?

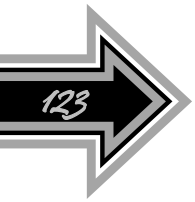
— Você vale, minha doce menina. – ele se afasta e senta na beira da cama. — Mas sua felicidade vale mais para mim do que ganhar.

Sento-me, puxando o lençol para o topo dos meus seios, subitamente insegura e tímida. Ele não pegou a minha virgindade ontem à noite, mas poderia muito bem. Ele roubou um pedaço da minha alma que eu nunca voltarei. — Eu quero que seja você, Liam.

— Se você ainda se sentir assim, daqui a onze meses, farei tudo ao meu alcance para garantir que sou eu. – ele se

levanta e dá um passo à frente, mantendo as costas para mim. — Eu preciso tomar banho e me vestir. Você deveria fazer o mesmo. Heath estará aqui em uma hora.

Ele desaparece no banheiro e fecha a porta, e isso é como uma parede caindo entre nós novamente.



11

Vestida com uma saia de chiffon preta e uma blusa sem mangas, me sento no sofá na sala de estar principal. Pelo que parece, estou preparada para enfrentar o dia, maquiagem impecável e cabelos macios e sedosos. Qualquer pessoa que enviar um olhar superficial em minha direção pensaria que eu estava pronta para este encontro com o homem que reinará sobre mim nas próximas semanas.

Mas eu não estou.

— Pare de se mexer, minha doce menina. – Liam gentilmente me repreende da cadeira.

Só então percebo o movimento rítmico do meu pé, com um cruzado sobre o outro. Eu cesso o movimento nervoso, assim que Selma aparece na entrada.

— Chanceler, Sr. Bordeaux está aqui para vê-lo.

Liam assente. — Mande-o entrar.

Ela sai da vista e o homem que eu me lembro do jantar e do exame médico toma o seu lugar. Ele é mais alto que Sebastian, mas a alguns centímetros do corpo de Liam. O seu caro terno preto, meticulosamente passado, não tem amassados à vista. Há uma seriedade inegável sobre ele... e uma frieza que me faz tremer.

Seus olhos castanhos se concentram em mim. — Minha Rainha.

Eu inclino minha cabeça. — Não tenho certeza de como devo chamá-lo.

— Sr. Bordeaux serve. – ele entra na sala e se senta ao meu lado no sofá.

Liam não se mexeu nem um centímetro. Ele é tão estoico quanto o homem ao meu lado.

— Suponho que o Chanceler tenha lhe informado o motivo por trás dessa visita?

— Sim.

— Sim, Sr. Bordeaux. – ele corrige, com a boca inclinada em uma careta. — E espero você de joelhos quando me cumprimentar no futuro. – ele dá um olhar irritado para Liam. — Na verdade, ela deve estar nessa posição agora.

Suas palavras me fazem dar gargalhadas, e antes que eu tente responder, Liam interrompe.

— Você não tem esse tipo de autoridade nesta casa.

— Em breve, minha Rainha. – Heath remove uma fita métrica do bolso. — Eu preciso fazer suas medições. – ele aponta para o topo da minha cabeça, e eu permaneço imóvel enquanto ele envolve a fita em volta do meu crânio.

Mas eu estou tremendo por dentro e tentando me controlar. Dentro de alguns dias, Liam não estará por perto para me proteger desse homem.

— Minha Rainha tem algum pedido de design? – ele pergunta enquanto marca as medidas em uma agenda preta.

— Sua Rainha, não. – eu não posso evitar – um pouco de sarcasmo entra no meu tom antes que eu possa parar, e sinto o suspiro de Liam em vez de ouvi-lo. O levantar descontente das sobrancelhas escuras de Heath envia medo através de mim, e corro para equilibrar meu tom. — Mas obrigada por me dar a escolha.

Ele fecha a agenda com um barulho decisivo. — Chanceler, eu acredito que você foi negligente em lidar com a senhorita Van Buren.

Liam não saiu de sua posição. Sentado à minha direita, com o queixo na mão, ele olha com olhos estreitados que escondem qualquer indício do que está pensando. — Eu lidei com ela muito bem.

— A atitude dela é inaceitável.

— Temos opiniões diferentes sobre o que é aceitável.

Heath está de pé com uma cara feia. — Ela precisa de uma sessão de treinamento na masmorra.

— Isso não acontecerá enquanto ela estiver em minha casa.

Heath vira sua atenção entre o Chanceler e eu, com o queixo rígido e indiferente, olhos castanhos estreitados com frustração. — Essa será a primeira coisa que ela receberá quando vier à minha. – ele sai da sala de estar e, quando a porta da frente da cobertura bate em sua saída, eu assusto.

Liam se levanta. — Não posso deixar que o seu comportamento mude.

Abaixo a cabeça com vergonha, porque ele me avisou. — Eu sinto muito.

— Desculpas não vão te salvar da masmorra, e não vão poupar você agora. – O som de uma fivela de cinto levanta o meu olhar. Fico triste ao vê-lo deslizar a tira de couro grossa das presilhas da calça.

— Liam, por favor.

— Tire sua saia.

Eu pisco as lágrimas quando deslizo a cintura pelas minhas coxas. O tecido leve se acumula ao redor dos meus pés e saio da poça de chiffon.

— Suba. – diz ele, acenando para a cadeira que ele acabou de desocupar. Ele coloca o cinto no punho. — Você pode se apoiar no encosto para obter apoio.

— Por favor. – imploro novamente enquanto as lágrimas escorrem.

— Faça como eu digo!

Seu barítono estrondoso destrói a última de minha compostura, e choro quando subo na cadeira. Não é a ameaça da dor que mais me incomoda.

É a traição invadindo-me, devastando meu coração em seu caminho violento.

Eu abraço o encosto almofadado enquanto seus passos o trazem para mais perto. Esses passos propositais param atrás de mim, e ele respira fundo. Eu espero, com os músculos tremendo quando a pele das minhas costas nuas se arrepia.

Ele prometeu vergões se eu não me comportasse novamente.

Ele disse que é uma questão de coerência, então sei que o primeiro ataque está chegando.

Ele é um homem de palavra.

Mais segundos passam, e prendo a respiração enquanto o sal de sua traição escorre pelas minhas bochechas.

Ainda assim... o primeiro ataque não chegou.

— Porra, Novalee. – Algo bate no chão.

Estou paralisada na minha posição vulnerável, com medo de acreditar que ele mudou de ideia.

— Desça. – Sua voz é suave, derrotada.

Um soluço de alívio me escapa. Eu me viro para encará-lo com os membros trêmulos, bochechas banhadas em

lágrimas enquanto envolvo meus braços em volta de mim. — Você não conseguiu.

— Não. – ele me pega pelo queixo. — O pensamento de machucá-la me faz mal. – Sua mão me aperta, incompatível com as suas palavras. — Heath não sofrerá da mesma aflição. Suas regras são rígidas, Novalee. Ele vai machucá-la quando você as quebrar.

— Por quê? – A pergunta é pouco mais que um sussurro rouco. Eu limpo minha garganta. — Por que ele iria querer me machucar?

— É apenas quem ele é. – ele me solta e dá um passo para trás, colocando um metro de espaço entre nós. — E ele não vai mudar. Depois que ele decide algo, não há como desfazer isso. – Seu olhar arrependido vai em direção da cadeira atrás de mim. — Ele não mudará de ideia sobre a masmorra.

— Eu não quero ir.

— Você precisa. – ele está tremendo, com a compostura arruinada enquanto passa a mão pelos cabelos. — E uma vez que você for, eu não posso protegê-la.

Continua...